

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

JANAINA MARIA SEGATTO VILA BOAS

**EU PROFESSORA? NEM PENSAR  
MINHA TRAJETÓRIA COMO PROFESSORA E  
ALUNA DO PROESF**

CAMPINAS  
2006

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

JANAINA MARIA SEGATTO VILA BOAS

**EU PROFESSORA? NEM PENSAR  
MINHA TRAGETÓRIA COMO PROFESSORA E  
ALUNA DO PROESF**

Memorial apresentado Ao Curso de  
Pedagogia – Programa Especial de  
Formação de Professores em Exercício nos  
Municípios da Região Metropolitana de  
Campinas, da Faculdade de Educação da  
Universidade Estadual de Campinas, como  
um dos pré-requisitos para conclusão da  
Licenciatura em Pedagogia.

CAMPINAS  
2006

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca  
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

V71e Vila Boas, Janaina Maria Segatto  
Eu professora? nem pensar reflexões acerca da educação : memorial de  
formação / Janaina Maria Segatto Vila Boas. -- Campinas, SP : [s.n.], 2006.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual  
de Campinas, Faculdade de Educação, Programa Especial de Formação de  
Professores em Exercício da Região Metropolitana de Campinas (PROESF).

1.Trabalho de conclusão de curso. 2. Memorial. 3. Experiência de vida.  
4. Prática docente. 5. Formação de professores. I. Universidade Estadual de  
Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

06-694-BFE

Mach es kurz! Am Jüngsten Tag ist's nur ein Furz!  
**“Seja breve! No dia do Juízo isso não passa de  
um peido” Goethe** *citado por Sigmund Freud em  
1896.*

Dedico esse trabalho para todos os mestres  
que passaram pela minha vida e que me  
fizeram crescer intelectualmente,  
moralmente, eticamente e espiritualmente,  
que fizeram de mim a pessoa que sou hoje.

# AGRADECIMENTOS

Ao Ser Supremo, à Mãe Divina e ao Pai Divino, A Grande Presença EU SOU pela oportunidade de estar nesse mundo.

Aos meus pais Margarida e Pedro pela vida.

À minha bisa Adélia (*in memoriam*) pela paciência e sabedoria, por me ensinar matemática, mesmo considerada analfabeta.

À vó Izabel pelo conhecimento adquirido através da vida, pelas leituras, por me ensinar a ler, escrever, amar os livros, ser crítica e buscar sempre o conhecimento.

Ao meu tio Toninho pelas experiências malucas realizadas na infância, pelas risadas horas a fio, companheirismo, conselhos e por ter sido e continuar sendo meu pai.

Aos meus melhores amigos de infância e de vida: todos os animais que tive e que me ensinaram muito sobre comportamento humano.

À Kelly, Yang (caninos), Thathus, Mena (que faleceu enquanto escrevia esse memorial) (Felinos), Fred (quelônio), pela paciência, sinceridade, amor incondicional e saudades por eu ter que me ausentar tanto tempo.

À minha primeira professora Dona Neuza.

À minha amada professora Rosângela, com quem aprendi amar matemática.

À minha amiga Juliana que me ensinou muito sobre alfabetização, pelas muitas risadas e por dividir comigo muitas angustias relacionadas aos animais.

Ao querido Mestre Choa Kok Sui por seus ensinamentos filosóficos e por longas conversas de pai para filha.

Ao meu querido irmão Nelson pela paciência, risos, carinho, palavras amigas, ensinamentos e por me “aturar” com trilhões de “por quês”.

À minha querida “mamãe” Vita por mostrar o “caminho das pedras”.

À minha querida amiga Valquíria, pela amizade e por estar sempre ao meu lado dividindo comigo angustias e aspirações de uma ciência que ainda não é aceita.

Às mestras Anita e Nona por fazer da Terapia Prânica não apenas uma ciência mas um lar onde reencontramos familiares.

Ao amado mestre Tózinho com quem aprendi a filosofar.

Às minhas sinceras amigas de Vinhedo: Ercy, Marta e Silvana, seres únicos que sabem ouvir e falar com sabedoria.

À minha Professora de Artes Silene que apesar de não ser formada em Educação Artística, nasceu artista e consegue compartilhar com os outros o que sabe de forma simples e clara. Agradeço também a sua amizade sincera.

À Terapia Prânica que me ensinou muito com sua base filosófica o que é estar numa sala de aula, o ser professora.

À D. Ivete que tanto me auxilia na busca pelo conhecimento, do que é cada aluno.

Aos mestres do curso de Psicologia, que me ensinaram muitos conceitos, mas, acima de tudo me ensinaram um pouco sobre a vida.

Aos mestres, do curso do Proesf, que fizeram a diferença.

*“O laço que une a sua família verdadeira não é de sangue, mas de respeito e alegria pela vida um do outro. Raramente os membros de uma família se criam sob o mesmo teto”.*

Richard Bach



# SUMÁRIO

|                                                     |    |
|-----------------------------------------------------|----|
| SUMÁRIO                                             | i  |
| APRESENTAÇÃO                                        | 1  |
| MINHA INFÂNCIA                                      | 2  |
| MEU PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO                       | 7  |
| INÍCIO DE UMA NOVA FASE: O 2º GRAU E A UNIVERSIDADE | 10 |
| COMO ME TORNEI PROFESSORA                           | 13 |
| OS ANOS DE 2003 A 2006 COMO PROFESSORA              | 14 |
| AS DISCIPLINAS RELEVANTES DO CURSO                  | 23 |
| CONCLUSÃO                                           | 32 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS                          | 33 |
| ANEXOS                                              | 36 |

## APRESENTAÇÃO

O presente trabalho, traz em seu conteúdo, uma perspectiva histórica juntamente com uma análise crítica a respeito do meu processo de ensino-aprendizagem, professora-aluna. Traz também, algumas reflexões acerca da educação e alfabetização, mediante comparações da minha infância e toda a bagagem que trago para minha prática pedagógica.

Meu grande sonho sempre foi curar, e meu sonho sempre foi a medicina (e é até hoje!), sinceramente, não sei ao certo, que elementos inconscientes fizeram com que eu me transformasse em professora. Segui caminhos pela psicologia, por ser uma área dentro da saúde, e, confesso, são fascinantes.

Lecionar é para mim passar um pouco do que aprendi em minha vida, é auxiliar quem precisa aprender e não sabe como fazer, é também ensinar cultura, diversidade, porque passamos muito do que somos para nossos alunos e, percebo, começam a prestar mais atenção naquilo que acreditamos e que temos como verdade.

Atualmente, as crianças chegam à escola sem limite algum e sequer conhecem o que é respeito (já presenciei alunos de seis anos batendo em mães, monitoras, professores, coordenadores e até em vice-diretores!) e, uma boa dose de limite, não lhes fará mal algum.

Fala-se tanto em “formar cidadãos críticos, conscientes de seus direitos e deveres”, mas será que a escola está realmente formando esses cidadãos? Quem são os pais dessas crianças de cinco e seis anos? Transmitimos ao outro o que julgamos correto, mas, o que aconteceu na formação desses pais? Ou esses pais nunca passaram pela escola, ou não tiveram capacidade intelecto/ moral para compreender as discussões geradas nesse âmbito, ou, esta não cumpriu o seu papel.

Trarei nesse trabalho o histórico do meu processo de alfabetização, da minha vida, meu processo de aquisição de conhecimento, minha formação acadêmica (e fora dela), meu Eu professora, e, meu Eu, aluna do PROESF.

## MINHA INFÂNCIA

Segundo minha avó Izabel, que me criou, sempre fui um ser feliz, desde que nasci só sabia rir. Nasci numa quinta feira ensolarada, dia de feira na cidade e, mês de junho, dia 26 de 1975. Nasci de parto normal na santa Casa de Misericórdia de Itatiba, com 3 kilos e 600 gramas, às 11h20min, justamente na hora do almoço. Além do friozinho que, segundo minha avó estava fazendo, minha mãe estava com muita vontade de comer pastel mas, não deu tempo porque eu estava querendo nascer e adeus feira e adeus pastel (pelo menos naquele dia). Ao retornar para casa, minhas avós me receberam todas felizes e, segundo elas, meus olhos já eram enormes e olhava tudo à minha volta, parecia que eu ia “comer” a casa com os olhos. Minhas avós disseram a mim, que eu não era uma criança chorona, era boazinha, meu único problema era a dificuldade para dormir, eu queria ficar acordada deslizando meus enormes olhos em tudo, e dá-lhe chá: de alface, camomila, erva doce, melissa, maracujá e tudo o mais que ensinavam para me fazer dormir.

Fui crescendo com minhas avós cuidando de mim, que hoje vejo, tiveram muita paciência e dedicação. Não tive um PAI, porque minha mãe não era casada, nem tinha compromisso sério com ele, este apenas queria se divertir e fui fruto dessa “diversão”. Como eu nasci, minha mãe ficou com minhas avós (já que meu pai casou-se com outra mulher após) e estas foram cuidando de mim para minha mãe trabalhar. Me ensinaram muitas coisas: comer, escrever, contar, amar animais, cuidar deles, plantar, conhecer plantas, ervas medicinais, etc e, com isso fui crescendo junto com elas.

Uma questão ficou durante muito tempo “martelando” minha cabeça: poderão alfabetizar professores que sejam considerados analfabetos ou semi-analfabetos? Mas foi o que aconteceu no meu processo de alfabetização.

Minhas avós Izabel e Adélia (respectivamente avó e bisavó) me criaram porque minha mãe tinha que trabalhar, já que meu pai não quis me assumir na época porque estava de casamento marcado com outra mulher. Minha avó Izabel sempre cuidou de mim (e cuida até hoje) lembro-me das sopas de fubá com legumes e verduras picadas. Fui alfabetizada pela minha avó Izabel, sempre me vi cercada de livros, revistas, gibis, cadernos, lápis de grafite e de cor e, canetas. Não tínhamos muitas posses mas, a vontade de escrever e ler acredito que sempre imperou em casa. Lembro-me da primeira vez que

escrevi meu nome: letra feia, horrível, mas escrevi, e, depois da minha mãe e assim com todas as pessoas da família.

Morava numa casa no mesmo bairro que até hoje e, ali passei minha infância até os 7 anos de idade, a qual teve muita terra, muito bicho, muito livro, caderno e escrita. Como eu não tinha muitos brinquedos (até porque não podiam comprar devido baixo salário que minha mãe e meu tio recebiam- minhas avós recebiam pensão, a Isabel recebe até hoje) tinha sempre cadernos e livros e bichos, muitos bichos: galinhas, galos, gatos, cachorros, pássaros, minhocas, caracóis, tatuzinhos e outros bichinhos que andam na terra. Lembro-me de conversar com todos eles (e ainda converso!!) e de pensar que quando eu crescesse eu iria com certeza cuidar muito bem deles.

Minha casa não era grande possuía na frente uma garagem pequena, uma escada de madeira que dava para a porta da sala, do lado um corredor que dava para a porta da cozinha depois vinha a sala grande o banheiro e um quarto. Lá fora depois da porta de entrada da cozinha tinha um “ranchinho” que minha avó e meu tio guardavam as tralhas e depois o meu querido quintal com uma árvore enorme no meio, que depois voltando lá mais tarde percebi que o quintal não era tão grande assim, fiquei decepcionada.

Quando me alfabetizei aos 3 anos de idade minha avó disse que eu queria escrever tudo, lista de compras, nomes, brincava de supermercado, de médica, queria dar remédios para os bichos e, segundo minha avó Izabel ela já não agüentava mais. Tamanha euforia, era difícil me agüentar porque eu era difícil para dormir, eu vivia ligada no 220, diz ela.

Vó Izabel era a volinha e a vó Adélia era a volona, simples! Volinha porque parecia uma linha de magra e volona porque parecia uma bolona de gorda e ficou volinha e volona. Eu adorava inventar nomes estranhos: bubuio era seio porque eu via mulheres em posto de saúde amamentando os filhos e eu dava nomes para aquilo e bubua era machucado, ferimento. Minha avó dava muita risada e eu junto, imagine! Não podia perder essa oportunidade para sorrir.

Minhas avós diziam que passavam muita vergonha comigo porque sempre eu ia contar tudo o que acontecia em casa para os outros. Certa vez um gato do meu tio, nosso na verdade, que se chamava Bichita, brigou com outro gato, eu tinha uns 3 anos e meio, mas me lembro de até ter gravado minha voz no gravador do meu tio para mostrar para quem chegasse em casa.

Minhas avós tinham medo porque eu recolhia as pessoas estranhas em casa, mas adultos. Eu não gostava de crianças, eu as achava chatas, tontas e me lembro de correr atrás de uma garota escura de uns 5 anos com um pedaço de pau e dizia: Venha! Eu vou te matar! Depois minha avó falou que foi a mando do namorado da minha mãe que pediu para que eu falasse isso para ele dar risada.

Certa vez, recolhi uma mulher que estava pedindo “mantimentos”, quando minha avó se deu conta ela já estava dentro de casa, foi duro para conseguir convencê-la a ir embora, era fim de mês e faltava alguns dias para receber a pensão, ou seja, não tinha dinheiro e, minhas avós a convenceram-na assim...

Outra vez, era dia primeiro do ano e recolhi três meninos dizendo que minhas avós iriam dar a eles o “bom princípio” e que eles podiam entrar tranquilamente. Naquele dia levei uma enorme bronca da minha avó porque recolhi novamente pessoas estranhas em casa. Mas eu me perguntava: Se menino dá sorte recolher um homem dia primeiro do ano eu recolhi três, então porque elas me xingaram? Depois, descobri mais tarde que o que eu fiz foi um absurdo e que na época eu não havia percebido.

Minha avó Izabel, com receio que eu recolhesse mais pessoas começou a me amedrontar com a história do “homem do saco”, que era um homem sujo, maltrapilho, fedorento, barbudo, velho, feio, pés no chão e que gostava de levar as criancinhas no saco (aliás andava com o saco nas costas). Qual não foi minha surpresa quando, certo dia sai para atender o portão e deparei-me com um ser igual ao que eu tinha em mente: não tive dúvidas era o homem do saco! Com saco nas costas e tudo!!! Eu saí gritando e dizendo para minha avó não deixar ele me levar, que eu não ia fazer mais artes e que era para mandar ele ir embora...nunca mais recolhi ninguém em casa que minha vó não quisesse...

Lembro-me também de vários animais que eu recolhia e já pegava meu cobertor para cobrir, enrolava gatos, cachorros, pássaros no cobertor, tivesse o calor de 40° mas, eu enrolava. Minha avó brigava comigo e eu dizia que eles estavam com frio elas tomavam o cobertor e escondia, eu então, chorava.

Aos 5 anos aproximadamente eu comecei a perceber que as crianças iam para a escola e comecei a querer ir também mas não tinha idade apropriada, segundo a escola consultada. Minha avó foi conversar lá, para, com 6 anos me deixarem freqüentar, mas não houve possibilidades. Nessa idade eu comecei a ter problemas pulmonares e percebi que

não poderia ir na escola e novamente seria adiado, fiquei triste e começou um longo caminho de exames médicos e remédios porque os médicos acreditavam que eu tinha uma bactéria mutante no pulmão ( fiquei sabendo com 16 anos), já que todos os remédios que eu tomava ao invés de esgotá-la, alimentava-a. Só me lembro que não descobriam e lá ia eu toda semana de manhã fazer exames. Até que Dr. Francisco, um pediatra conhecido aqui em Itatiba, pareceu-me que havia descoberto porque me receitou um pó com cor e gosto de laranja que eu tinha que tomar e correr por uma hora em volta da casa, eu me cansava queria parar e minhas avós não queriam deixar.

Mas, não ficou assim, eu fiz minhas avós, meu tio, minha mãe comprar para mim bolsa de escola, lápis, caderno, borracha e todos os apetrechos de escola, porque se eu não podia ir a escola eu ia trazer a escola dentro de casa e, foi o que eu fiz. Minha avó continuava dando atividades de português (tem apenas até 2ª série), minha mãe, educação artística, minha bisavó de matemática (era “analfabeta”) e meu tio de ciências (ele é eletricitista mecânico) com suas engenhocas malucas de matar mosquito, amarrar linha no mosquito para ele voar construir carrinhos, bonequinhos de chuchu, robosinhos com peças de carro, dar injeção em babosas, retirar a baba desta e fazer chás para bonecas, etc.

Com 5 anos meu irmão nasceu, a peste! Menino chato, lembro-me que eu queria matar aquele ser porque eu queria uma menina para brincar comigo e ensinar para ela um monte de coisas mas nasceu aquela criatura estranha e eu quis várias vezes enforcá-lo, mas minha mãe viu. Beliscar perdi a conta, fazer coisas para pôr nas costas dele também e, claro enrolar seus lindos cachinhos castanhos com carrinho de fricção...ai que delícia!!! Sabor de vingança, por ele ter nascido homem...

Eu dava aulas com 5 anos para meus bichos (gatos, cachorros, galinhas, galos e pássaros) mas eles não paravam no lugar e eu ficava frustrada quando eles saíam correndo ou voando, dormiam ou não queriam ficar parados e eu ficava brava e “fechava a escola” (guardava tudo), mas antes disso, dava castigo para eles: lição, muita lição de casa para compensar o que não haviam feito.

Certa vez estava eu correndo em volta da casa e parei num arbustinho para descansar, mas, qual não foi minha surpresa quando o galo de briga da minha bisavó veio e me bicou arrancando um pedacinho da minha perna esquerda. Eu chorei muito e gritei para minha avó e as duas vieram me socorrer, mas, o galo devia ter gostado tanto, que eu não

podia mais passar perto dele, nem me ver que já vinha correndo para tirar mais um pedaço de mim, mas minha bisca começou a prendê-lo para eu poder fazer meus exercícios matinais. E foi assim dos 5 aos 6 anos de idade, expectativa para entrar na escola, hospitais, exames, remédios e muitos exercícios matinais, tudo isso cercado por muitos animais (mas segundo os médicos não era deles que eu havia pego essa bactéria mutante).

Que alegria!! Com 6 para 7 anos entrei no CENTRO EDUCACIONAL SESI Nº 13 e permaneci até a 8ª série, em 1989. D. Neila minha primeira professora dizia que eu era muito esperta, eu não dei trabalho para ela porque já ingressei alfabetizada na escola, ao contrário de muitos alunos.

Lembro-me não gostar de educação física porque achava perda de tempo, mas ler, ah que delícia!!! Era minha viagem para mundos diversos...que gostoso!! Assim como minha avó fazia comigo quando eu era pequena.

Com a mesma idade me mudei para a casa que moro até hoje. Lembro-me da construção que vinha visitar com meu tio, e como eu enchia a paciência dele!!! Tinha dia que ele não agüentava mais (porque sempre fui de fazer muitas perguntas numa seqüência cansativa) e meu apelido era chopin ( depois vim descobrir o que era).

Os anos se passaram e lembro-me que aos 11 anos comecei a trabalhar. Minha mãe começou a trabalhar como faxineira e eu ia ajudá-la até que arrumei um trabalho numa loja, depois numa casa de família olhando bebês e empregada doméstica. Com 14 anos comecei a trabalhar com alta costura (por isso hoje sou costureira também) e depois trabalhei na S/A Fabril Scavone de costureira também até que com 20 anos ingressei na Universidade São Francisco para trabalhar de auxiliar administrativo onde realizei meu primeiro sonho: cursar meu primeiro curso: Psicologia o qual tive que abandonar por caprichos de uma sociedade elitista.

## MEU PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

Eu tinha (segundo minhas avós e minha mãe) três anos de idade quando comecei a escrever, não possuindo uma coordenação motora muito boa. Desde meus dois anos de idade, segundo “minhas professoras”, colocavam-me em contato com histórias, contos, conversavam muito comigo, cantavam para eu dormir. Segundo minhas avós, a sala vivia cheia de papel, caneta, lápis, borracha, lápis de cor, giz de cera (eu me lembro disso!!) e eu brincava ali de escrever. Escrevia meu nome, o nome da minha família e depois dos animais que eu tinha (gatos e cachorros), enfim, foi-me apresentado muito material de leitura e escrita.

Minha bisá Adélia (já falecida), totalmente “analfabeta” (não conseguia escrever seu nome, quando eu, na 3ª série a ensinei) me ensinou a contar, tínhamos uma árvore enorme no meio do quintal e também um pé enorme de maracujá. Íamos, então, até embaixo da árvore e contávamos maracujás e fazíamos somas: primeiro, noção de números (um, dois, três, etc), segundo somar ( $1+1$ ;  $2+1$ ;  $4+3$ ; etc), terceiro subtração ( $2-1$ ;  $4-1$ ;  $5-3$ , etc). Quarto tabuadas ( $2\times 1$ ;  $4\times 5$ ;  $7\times 8$ , etc) e após, divisão, tudo isso na prática, geralmente com frutas, as quais nos deliciávamos depois. Também adorava sentar em seu colo gordo para ouvir os causos de lobisomem, mula sem cabeça, alma penada, assombração, fantasmas, bruxas, que ela jurava que era verdade e que tinha conhecido as pessoas que se transformavam nisso, já que moravam nas redondezas do sítio e fazenda onde morou.

Com minha avó Isabel (filha da Adélia) que cursou até 3ª série e nem terminou o ano, ficavam os registros: ensinar as letras (A,B,X,Y,Z) os números (1,2,3,5,9,etc), armar continhas, usar caderno, pegar num lápis, enfim, minha avó dava-me exercícios para fazer e depois corrigia.

Minha mãe ficava com a sua parte, Educação Artística, com livros para colorir, aulas de recorte, como usar tesoura, como pintar respeitando limites, desenhar, montar figuras com palitos de fósforo, sorvete, colagem, trocar roupinhas de bonecos, desses que a gente recorta e vai trocando dependendo do dia (frio, calor, vento, chuva). Como ela trabalhava não dava muito tempo para ficar comigo e às vezes minhas avós ajudavam-me.

Meu tio apesar de também trabalhar era com ele que ficavam as aulas de Ciências, como é Mecânico e Eletricista de autos, vivíamos fazendo experiências malucas:



construindo carrinhos, matando mosquitos com choque, amarrando-os com linha e fazendo-os voar, construindo engenhocas totalmente doidas, e, quantas risadas. Colocávamos algumas substâncias em cima de “formigas cabeçudas” para matá-las, pois acabavam com as plantas das minhas avós (aliás conheço muito sobre ervas e plantas medicinais graças a elas). Os porquês disto ou daquilo deixavam meu tio maluco porque tudo eu queria saber e ele me explicava, às vezes não entendia e eu o “infernizava” até entender do meu jeito. Dessa forma entrei na 1ª série sem fazer a pré-escola. Minha professora Dona Neila ficava indignada comigo e com a minha família, dizendo: Não fez o pré e já sabe tudo isso! Ah, alguém te ensinou! Lembro que eu tinha minha lousa, meu apagador e giz que minha “vó” Adélia me deu. Deu também um piano de brinquedo onde ficava horas a fio tocando e infernizando todo mundo (talvez aí o gosto pela música, pela arte).

Minha bolsa e todos os materiais escolares foram a minha mãe e minha vó Isabel que compararam quando eu tinha 5 anos, ora brincava de professor ora de aluno. Minhas avós assistiam a tudo morrendo de rir, eu montava minha sala de aula ou como aluna ou como professora, eu me sentia a pessoa mais feliz e importante do mundo. Sempre em contato com histórias, contos, músicas (lembro-me do disco da Chapeuzinho Vermelho e dos três porquinhos que minha avó já não agüentava mais ouvir!), “causos” da avó Adélia (a volona porque era gorda), as cantigas, brincadeiras que minha avó Isabel me ensinava (a volinha porque é magra).

Quantas saudades dessa época! E saber que não tínhamos recursos naquela época (1978 a 1980). Não tive contato com crianças na minha infância, porque era uma criança “fujona” e adorava pregar peças nas minhas avós me escondendo na casa de vizinhos (pulava o portão, o muro e saía sem avisar), minha avó me colocava de castigo, me fazia medo dizendo que o “homem do saco” ia me colocar no saco e me levar embora para muito longe. Eu então não podia sair na rua, muito menos ter amizades, até por eu ser muito risonha e conversar com todas as pessoas, minha avó tinha medo que me levassem embora. Outro motivo era porque eu adorava correr na rua e certa vez quase fui atropelada por um ônibus em frente onde morava.

Com seis para sete anos, então, ingressei na 1ª série e dessa forma estudei no SESI os 8 anos, de 1982 a 1989 (até a 8ª série). Me destaquei em todas as séries, recebendo medalhas da diretora “Dona Zezé” por bons aproveitamentos nos estudos em todas as séries e em todas as disciplinas.

## INÍCIO DE UMA NOVA FASE: O 2º GRAU E A UNIVERSIDADE

Fiquei 2 anos sem estudar porque não sabia direito o que eu queria, quando optei por iniciar o Magistério na EEPSG “Manuel Euclides de Brito”, o Cenemeb em 1992. destaquei-me novamente como ótima aluna em todas as séries. Estudava à noite porque trabalhava na S/A Fabril Scavone o dia todo como costureira, durante os três anos, quando, na última série (4ª / 1995) percebi que não queria lecionar e sim ser psicóloga. Comecei trabalhar na Universidade São Francisco à noite como auxiliar administrativo e tive que mudar de horário na escola, já que era no mesmo horário do trabalho. Tinha como melhor amiga a Raquel e senti ter que deixá-la, trabalhando eu teria que estudar de manhã e pensei: Essa é a maneira de eu entrar para faculdade de psicologia e realizar meu sonho!.

Queria parar com o magistério no último ano, faltava demais, me revolttei contra o sistema de ensino da disciplina de psicologia (metodologia), já que a professora da manhã, apesar de ser psicóloga ficava perdida como professora. Fui à direção e me coloquei, dizendo que psicologia não era ler livro e resumir e sim pensar, refletir, problematizar, encontrar uma solução, fazer estudos de caso e não RESUMIR LIVROS. Quando estudava à noite tinha como meu mestre na área de psicologia prof. Antonio, e, acredito ter sido nele que me espelhei para minha escolha profissional. Vendo essa professora do período da manhã fazer tudo aquilo, me revolttei, mas, a direção gostava muito da pessoa da professora e ela foi ficando na escola, outros alunos se acomodaram e acabei ficando de recuperação nessa disciplina, mas, era só resumir um livro, foi o que eu fiz e peguei meu diploma a contra gosto, pois não estava feliz no dia de minha formatura.

Muitos professores que passaram pela minha vida me marcaram. A professora Rosângela foi professora de matemática e despertou em mim o gosto por essa área do conhecimento. Já havia tido aulas com ela na 6ª série, mas, mesmo assim, iniciou-se um trauma por matemática, já que um professor despertou em mim um verdadeiro **nojo** pela matemática, pois, íamos na lousa (na 7ª e 8ª séries) e ele nos chamava de todos os nomes e apelidos possíveis, menos pelo nosso nome, fora os “croquinhos” na cabeça.

Foi então que no magistério surgiu novamente a mesma professora (mas percebo, que eu tinha mais maturidade, estava mais aberta, também) aparentemente uma pessoa séria, de pouco falar, mas sua letra uma maravilha e, a maneira de dirigir a aula e ensinar,

uma doçura!. Imaginei que fosse um presente que ela nos dava por matemática ser uma disciplina tão temida por todos, e, comecei a amar essa disciplina, novamente.

Com Prof<sup>a</sup> Marina de Língua portuguesa (7<sup>a</sup> e 8<sup>a</sup> séries) aprendi a pensar, a refletir, com seu jeito sistemático de ser, enxergar a vida de uma maneira diferente (talvez a razão por nem todas as pessoas gostarem dela) e encontrar maldade e bondade onde as pessoas nem imaginam que exista. Fui me formando não apenas com conhecimento, mas pelas vozes de meus mestres, e, como diz Backtin: **“somos frutos de muitas vozes”** (palavras ditas pela professora do PROESF, Ivana).

Terminei o magistério, peguei meu diploma em 1995, em 1996 prestei o vestibular na Universidade São Francisco e então passei em 42º lugar e iniciei o percurso para a realização de meu sonho: ser psicóloga. Trabalhava como auxiliar administrativo no período da tarde e noite e estudava de manhã. Quanto cansaço! Ficava de madrugada estudando e me dedicando, mas, apesar do cansaço físico, não sentia cansaço mental, pois adorava estudar o que tinha almejado para minha vida, a cada aula, era como se fosse encontrar uma pessoa super especial e todas as manhãs levantava e ia para a aula que iniciava às 7:00.

Destaquei-me no 1º ano, principalmente nas disciplinas de filosofia e história da psicologia onde tive, como mestres, respectivamente, Antonio Neres de Meira (Tózinho) e Antonio Fahur Saab (já falecido). Outra descoberta que fiz no curso é que eu adoro sangue e nas aulas de biologia também me destacava e isso gerava uma certa inveja por partes de colegas que, ou não gostavam ou não estudavam. Comecei a perceber que a área da saúde me fascina, e comecei a imaginar que poderia tranquilamente fazer medicina, pois, não seria nenhum trauma para mim, o problema seria estudar no período integral, sendo que sempre precisarei trabalhar.

No 2º ano tive a disciplina Técnicas e Projeto de Pesquisa em Psicologia, pesquisa que, a princípio, não gostava devido o professor ser muito grosso (prof. Dr. Luiz Fernando de Lara Campos, já falecido), mas depois pude perceber que, o que ele fez, as atitudes dele me fizeram crescer nessa área e adorar fazer ciência. Em anatomia fui a única a tirar DEZ, isso me fez vibrar de felicidade porque não foi só tirar DEZ, mas ser Dez, merecer essa nota e, comecei a gostar da área de neurologia e pensei: bem que poderia ser médica neurologista!

Na 3ª série tive a disciplina fisiologia (onde parecia que era a única a entender) e Prática de ensino em psicologia onde eu e meu grupo nos destacamos ao realizar um seminário em escolas de 2º grau aqui em Itatiba, sobre como estudar, novamente um merecido DEZ, um símbolo de ser número um, ou a melhor para mim que me esforcei demais.

No 4º ano as coisas começaram a andar para trás com a notícia que iria ser demitida e que perderia minha bolsa, já que possuía a gratuidade escolar por trabalhava e estudava na Universidade. Fui ao advogado, este também ao invés de me ajudar, me disse para pagar a partir de então (da demissão) que ele iria conseguir o dinheiro de volta e, colocou a questão judicial, acadêmica com a trabalhista. Resumindo, ele não sabia o que estava fazendo e o efeito foi bola de neve: sabendo que não conseguiria realizar meu sonho, tive depressão, deixei algumas disciplinas, pois, estava em tratamento médico, por saber que o grande sonho da minha vida não se realizaria, e, o pior, no ano seguinte que seria o último e tão sonhado, não iria chegar para mim, pois, sem conseguir pagar, já que havia sido demitida, não conseguiria por esse motivo, fazer a matrícula para o ano subsequente.

Chorava muito, procurava emprego, não conseguia, comecei a vender lanche na faculdade café, doces (mesmo não trabalhando, mas, estudando de manhã, pelo menos naquele ano), mas isso não ajudou no orçamento, fiz o crédito educativo do FFAE (fundo franciscano de auxílio ao estudante) que não me auxiliou em nada, a não ser me afundar ainda mais, já que os juros são ao dia, então terminei o ano de 1999 com algumas disciplinas fechadas como neurologia e mais algumas totalizando nove das dezesseis disciplinas que tinha. Atendimento na clínica, onde atendi por 6 meses, não consegui concluir por não entregar o relatório desta disciplina, minha vida estava um caos total.

Nos anos de 1999 à início de 2003 trabalhei como autônoma. Ganhei judicialmente em primeira instância em 1999, mas a universidade recorreu e a espera transcorreu em instância superior até o ano de 2004 (agosto) quando ganhei a causa. Enquanto escrevia esse memorial recebi a notícia do depósito em dinheiro por parte da Universidade e, com isso, a possibilidade de voltar a estudar no 2º semestre deste ano e retomar meu sonho, já que posso retomar minha vida acadêmica.

#### **4. COMO ME TORNEI PROFESSORA**

Fui ao PAT (posto de atendimento ao trabalhador aqui em Itatiba) em janeiro de 2003, onde conversei com a primeira dama e lhe disse que precisava de um emprego urgente, pois, a situação em que me encontrava, me incomodava muito, ficar sem dinheiro e sem estudo estava sendo como a morte para mim, ela me pediu para que ficasse atenta, sempre comprando o jornal da cidade e me informando pois iria ser realizado um concurso público naquele ano ( 2003 ) e seria para várias funções, inclusive para professor, me inscrevi para auxiliar administrativo e professor de educação básica I.

Confesso que me inscrevi pelo salário bem atrativo por trabalhar meio período, mas, meu sonho nunca foi ser professora e relutava comigo dizendo que não havia nascido para isso e, que não era a profissão da minha vida e sim psicologia ou medicina que, a essa altura, havia mudado para veterinária. Atualmente pretendo terminar o curso de psicologia e atuar como psicóloga, mas, não iria achar ruim fazer uma faculdade de veterinária, tamanho amor que tenho pelos animais.

Prestei o concurso para auxiliar administrativo e para professor, passei nos dois cargos e, sem esperança fui até a secretaria de educação onde ia ter a atribuição de aulas num dia marcado (10 de março de 2003) e então consegui uma classe como contratada, uma classe difícil mas, aceitei o desafio, uma sala de 1ª série na escola “EMEF Antonio Dutra”. Fiquei com bastante medo, mas ao mesmo tempo feliz com o salário por trabalhar apenas meio período e poder realizar cursos junto à secretaria de educação, estar sempre estudando como sempre gostei de fazer.

Fui até a escola e quem encontro: minha querida professora de matemática como diretora!. Foi um encontro cheio de lembranças boas, pois, sempre fui tida por todos os professores como a melhor aluna da classe, a dedicada. Conversamos bastante, lembro-me como se fosse hoje, ela me avisou e alertou também quanto à classe, como era e eu disse que aceitaria, só que era a primeira vez que lecionava. Ela, então disse, que não havia necessidade de preocupação, pois iria me ajudar no que fosse preciso e me indicou também um curso de professor alfabetizador (PROFA), o qual iria me ajudar muito a entender a metodologia de ensino para uma 1ª série.

## 5. OS ANOS DE 2003 A 2006 COMO PROFESSORA

Iniciei as aulas, as crianças agitadíssimas, fui conquistando um espaço junto a elas (já que havia passado 5 professoras por essa classe e nenhuma havia agüentado), gritando para ser ouvida. O problema comportamental era visível, fui por duas vezes picada por lápis nas costas, outra vez na região da panturrilha, quando na lousa uma aluna rasgou minha perna, e o sangue escorreu. Daquele momento em diante senti que precisaria ser mais rígida e que eles estavam pedindo limite e eu teria que impor.

Comecei a dar carinho, mas broncas de vez em quando e assim fomos criando vínculos. No dia do meu aniversário (26/06) daquele mesmo ano, lembro-me como se fosse hoje: a escola inteira no pátio, na entrada do recreio cantou o “parabéns à você” para mim e todas as “minhas crianças” me abraçaram e beijaram e, como sou manteiga derretida comecei a chorar de felicidade sem parar, era criança pendurada no meu pescoço, quando vi estava com outra no colo e foi uma festa só.

Fui então chamada pela diretora da escola para prestar um vestibular no mesmo mês (Pedagogia pela Unicamp –PROESF), pensei: eu então posso até prestar mas acho que não vou passar, não deu outra: passei e em 1º lugar de Itatiba. Iniciei o curso, como professora, quando fui chamada em julho para ocupar o cargo efetivo na prefeitura de AUXILIAR ADMINSITRATIVO (havia prestado concurso para professor e auxiliar administrativo), ganhava menos, trabalhava o dia inteiro mas, era efetivo. Pensei na minha mãe, para não deixá-la sem plano de saúde, pois estava em tratamento de uma cirurgia delicada que havia realizado (cisto gigante de ovário), já que os contratados ( eu era e ainda sou professora contratada) tinham plano de saúde até dezembro voltando a ter em fevereiro ou março, às vezes até em abril (hoje isso não acontece mais). Larguei as aulas, a diretora da outra escola onde fiquei na secretaria como auxiliar administrativo me maltratava, xingava, “pisava”, tratava-me com palavras vulgares e de baixo calão.

Eu ouvia o barulho das crianças e chorava muito não conseguindo ficar dentro da secretaria, a minha vontade era estar no meio das crianças passando o meu saber, o meu conhecimento a elas. Eu estava me sentindo pior do que uma escrava, foi quando me lembrei da secretaria da educação. Fui até lá conversar com o secretário da educação que também foi meu professor na faculdade, já me conhecendo, nos abraçamos e eu chorei

muito, mas contei todo o ocorrido. Fui informada por uma funcionária que haveria uma grande atribuição de aulas e que minha classe estaria lá. Confesso que fiz muita oração, e acreditei, pensei positivo e, quando na atribuição de aulas consegui resgatar minha sala de volta.

A diretora e as mães estavam com os cabelos em pé porque as crianças não queriam ir mais para a escola e depois fiquei sabendo que faziam até novena para eu voltar, um dia numa casa, outro dia em outra (as crianças diziam que iam brincar, combinavam, se trancavam no quarto e ali faziam suas orações). Voltei para a classe e conquistei um grande espaço na escola, um milagre segundo a diretora e as mães, já que as crianças eram piores do que as da 8ª série, eles “brincavam” de formar ‘ganguê’, arrancavam sangue de outros e riam. Até de mim que era a professora deles!

Possuíam em casa, e acho que ainda possuem, histórico de fase terminal de aids, usuário de drogas, tráfico de drogas e armas, fome, espancamento, dor, sofrimento, por isso a rebeldia. As crianças vinham em cima de mim e me pediam: Prô, dá cocó, dá! Só um pouquinho! E sentavam no meu colo, saindo dali para felizes irem realizar as atividades em silêncio e dedicação (enquanto as outras estavam virando a classe de cabeça para baixo). Acho que esse afeto todo entre eu e eles gerou um vínculo tão forte (até pelo histórico familiar) que não conseguiam cogitar a possibilidade de ter outra professora.

As crianças fizeram tanta festa que parecia que a Xuxa tinha chegado e praticamente fui carregada pelas crianças, muitas ajoelhavam no chão e diziam: Obrigada, obrigada! Nossas preces foram ouvidas! Nossa prô voltou e aquela bruxa voltou para o inferno (a substituta). Eu ria tanto e pensava de onde eles haviam tirado tudo isso, com tanta criatividade.

Consegui, através de uma pedagogia mais afetiva fazer com que essas crianças se transformassem em crianças carinhosas, onde voltassem a sorrir mesmo diante do sofrimento da família, fui parabenizada pelos pais e pela escola, e, questionada quanto ao que eu havia feito para que aquelas crianças mudassem da água para o vinho, e, além disso, com aquela classe ensiná-los a ler, escrever e construir textos, sem dizer que não eram as mesmas (hoje tenho noção que muitos alunos-problema se acumularam ali e não pude fazer um trabalho com todo o conteúdo de uma primeira série).



Eu respondi que havia sido uma mistura de tudo: coragem, ousadia, determinação, técnica, persistência, paciência e também oração. Não posso negar a fé neles, deles e na educação, mas, principalmente amor, tanto que no final do ano as mães me mandaram cestas com presentes, um aluno me mandou um dinossauro com um texto lindo, para sempre me lembrar dele, chorei muito, algumas mães não tinham condições de dar presentes, mas lembro das palavras: Muito obrigada por cuidar do meu filho, que não é uma criança fácil e você conseguiu ser um pouco de mãe, amiga, companheira, professora, enfermeira, psicóloga e conquistou não só meu filho, mas, toda a classe e a escola, com seu jeito meigo e carinhoso de ser! Imagine se eu não chorei.

As crianças, então, começaram a pedir beijos e colo para as funcionárias da escola e aí delas se não dessem, as crianças ficavam bicudas e “de mal”, só voltavam a conversar após um beijo.

Em 2002 havia começado um curso de pintura em tela com uma professora aqui de Itatiba, a princípio não me empolguei muito, mas, depois comecei a me empolgar quando, ao saber que iríamos mudar da escola antiga para o prédio novo, pensei que poderia deixar um pouquinho de mim como retribuição a tanto carinho e amor, não só da direção, mas, por parte das crianças de toda a escola. Foi quando pintei uma tela para a diretora Rosângela intitulada Vida e Luz como símbolo de renascimento profissional, da auto-estima, retribuição a ela por ter sido a responsável por gostar tanto de matemática. Expus essa tela em dezembro de 2003 e acabei ganhando na categoria abstrato o 1º lugar, como a tela mais equilibrada com perfeição na composição, no uso de cores e formas. Hoje esse quadro está na sala da diretoria e, segundo dizem, ela tem muito ciúmes.

Terminou o ano, tinha esperança de conseguir voltar para a escola que me acolheu com tanto amor, mas isso não foi possível e, na atribuição parti para o encontro de uma segunda mestra: Marina, diretora de outra escola localizada do outro lado da cidade, cuja sala de aula era uma 1ª série.

Na realidade não gostei muito da idéia por ser muito longe de casa, mas, confesso que me senti bem por estar novamente ao lado da minha mestra. Iniciei o ano letivo ainda com a cabeça na escola anterior, por ter sido o local que me fez sentir muitas emoções diferentes e ao mesmo tempo, mas logo fui entrando no ritmo ao lado da diretora e mestra, que me estendeu a mão e disse que estava pronta a me auxiliar no que fosse necessário.

Havia um problema de desunião dentro da escola por parte de alguns professores, mas disse a ela que isso não aconteceria comigo e que eu estaria pronta a modificar essa situação, auxiliando a transformar aquele clima ruim (pelo menos da minha parte). Era muito diz que diz e no final do ano acabou explodindo contra a professora uma bomba, já que ela havia feito algo não muito lícito, e acabou saindo daquela escola.

Conheci meus alunos, um pouco mais calmos a princípio e um número menor, 17, inferior ao que eu tinha na outra escola (34). Iniciei um trabalho de alfabetização, quando fui convidada a participar de um projeto reforço, já que não havia horário de HTPC por estudar à noite no PROESF. Confesso que atendi por um mês e meio esses adolescentes, mas, o problema comportamental falou mais alto e não conseguiram acompanhar, virou uma aula de bagunça porque todos os problemas se acumularam na mesma sala. Possuíam baixa estima devido terem passado por vários reforços e além do mais ainda não tinham se apropriado da base alfabética mesmo estando na 5ª e 6ª séries.

Apesar da diretora ter conversado com o secretário da educação do município e eu ter sido autorizada a realizar esse projeto juntamente com o projeto leitura e escrita da escola, não deu certo.

Fiquei muito triste ao saber que em 16/04/04, a diretora deixou a direção para substituir a supervisão na secretaria da educação. Desejei-lhe muito boa sorte, mas no fundo senti porque minha mestra não estaria perto de mim todos os dias.

Lecionei nessa escola, onde os pais alegavam que não tinham dinheiro (mas para o cigarro sim!), são pobres, mas, hoje vejo que o que falta para eles é um pouco de boa vontade e tempo (não podemos negar, pois, a maioria dos pais, hoje, trabalham fora), mas, não justifica “largar” o filho na escola como depósito de crianças, e nem saber se ele tem caderno, lápis, borracha ou não, que lição fez ou deixou de fazer, se sabe ou não, se conseguiu ou não, enfim, a moda de depositar o filho na escola sob responsabilidade dela ainda persiste e aumenta a cada dia mais.

Em 2004, ainda pensando na primeira escola que lecionei, contava (riscava e dizia: menos um!) os dias para terminar o ano, porque não agüentava mais o clima daquela escola, mas, com relação aos alunos, acredito que deu para realizar um trabalho mais detalhado devido o número de alunos que ao final do ano chegou a 22. Possuía problemas, mas, como o número de crianças era menor o trabalho ficou mais fácil. Problemas

familiares, aos montes, mas, fui trabalhando com os recursos que eu tinha, com os materiais que os alunos tinham trazido e fui usando a criatividade no dia das mães e dos pais (embalagem com material reciclável).

Consegui aplicar muitos exercícios de matemática, muitas idéias, enfim colocar em prática o que eu estava aprendendo no PROESF em Produção em Matemática. Os alunos adoravam e eu ia trabalhando de forma concreta. Se para para nós adultos, a abstração é complexa, imagine só para as crianças!!. Eles conseguiram se apropriar das noções básicas de cálculo, e, no final do ano, estavam realizando operações de adição e subtração com centenas.

Terminado o ano, sinceramente fiz muita oração para não ter que ir para a mesma escola, e então em 2005, consegui uma 2ª série na escola onde, em 2003 fui acolhida e, novamente, perto da minha mestra.

Iniciei mais um ano, e com ele o período de adaptação dos alunos, da professora e dos pais. Como nesse bairro houve construção de vários prédios populares, muitas novas famílias vieram de diversas localidades do país e, conseqüentemente não me conheciam.

Lembro-me que na primeira reunião um pai veio todo enfezado querer brigar comigo porque sua filha havia ficado na classe na hora da saída para copiar a lição, e estava vinculando na mídia a história da professora que havia deixado a criança de castigo na escola e havia esquecido dela. Eu conversei juntamente com a direção e o mal entendido foi logo deixado de lado, transformando-se em confiança pelo meu trabalho, pois, havia mães e pais que já me conheciam desde 2003.

Essa classe foi, até o momento para mim, a melhor. As crianças eram maduras já na 2ª série, excelentes alunos, com um nível de inteligência acima da idade (muitas mães conseguiam livros apostilas de escola particular e davam para os filhos estudarem em casa).

Com esses alunos consegui realizar muitas discussões com relação ao que a mídia faz conosco (questão do consumismo, moda, músicas), enfim reflexões. Consegui também trabalhar com música, teatro, aulas de relaxamento com bolinhas, que aprendi no PROESF com aulas de Produção em Artes. Com eles também consegui trabalhar mapas e fazer maquete da sala de aula (aprendi em Produção em Geografia), pude selecionar melhor histórias infantis, já que, com aulas de Produção em História entendi como se formaram as

histórias que fazem parte dos clássicos infantis. Com Produção em Ciências aprendi que a criança ainda não tem tanta noção de espaço e que não adianta dar uma aula linda sobre os astros se essa não construir sozinha seu conceito. Com Teoria e Produção em Sexualidade e Saúde eu pude realizar dinâmicas e mexer um pouco com a cabecinha deles fazendo-os pensar esse: ‘Rosa é de menina e azul de menino’, através de brincadeiras e dinâmicas e novamente trabalhar a matemática de forma mais concreta e com material dourado.

Temas transversais foi outro tema que consegui colocar em prática nesse ano de 2005 por articular todas as disciplinas a partir de um único tema e esse tema foi fruto de um projeto da Universidade São Francisco com as professoras dessa escola onde estou, resgatando nossa memória de infância e a memória e representações de infância dos alunos.

Acredito que meu maior desafio nesse ano foi conquistar um aluno especial, com problemas de comportamento e com privação de tudo: banho, família, afeto, carinho, noção de amor, comida, higiene, enfim de tudo e para ajudar a mãe faz ele e os irmãos pedirem esmola na rua e às cinco da manhã sair pegando latinha de alumínio para vender, para, seus pais usarem droga. O caso já está no Conselho Tutelar aqui de Itatiba, mas, sempre ocorrem deslizes da família ‘esquecendo-se’ do filho.

Após cinco semanas de aula, Lauro, que não queria fazer nada e estava sem monitora, pois, no ano anterior foi conseguido para ele uma (monitora), veio quieto para a sala de aula sem fazer barulho eu percebi que algo estava errado quando, após uma hora de aula, um aluno veio me avisar que ele havia trazido na mochila uma faca. Seus amigos retiraram da mochila enquanto outros seguravam-no e então ele foi levado para a direção da escola com a faca, e, após, levado suspensão de alguns dias. Ele havia planejado primeiro cortar meu pescoço e depois matar seus colegas dentro da sala, segundo seu relato para a diretora da escola que anotou em uma ficha de ocorrências internas e comunicou à mãe.

Sinceramente comecei a questionar a direção quanto a ter esse aluno em minha sala, pedindo para que viesse uma monitora urgente, caso contrário, eu não conseguiria dar aula. Após verificação da periculosidade do aluno e de sua intenção, fomos, eu e a direção na secretaria da educação para uma reunião e atribuição das aulas para as monitoras. Lauro ficou com uma monitora, mas, não deu muito certo porque ele nem ligava para ela. Ela ficou uns 2 ou 3 meses. Outra monitora ficou até o final do ano, mas também, ele nem se

importava com ela e não queria fazer as atividades e dessa forma terminou o ano sendo reprovado.

Eu comecei a brincar com ele, exigir dele abraço, beijo, conversar com ele, pedir para ver suas atividades, saber da sua semana e, através de conversa com a classe todos os outros alunos foram me ajudando e ele se tornou mascote da classe, o querido por todos, já que era uma briga por dia dentro da minha sala e vários alunos indo embora para casa chorando.

Aos poucos ele foi se acalmando, ficando mais amigo de todos e de mim (se bem que havia certos dias que parecia que estava com o efeito de entorpecentes, mas, já sabíamos que algo de muito ruim havia acontecido na casa, pois os pais usam drogas – cocaína maconha e crack) e, dessa forma, conquistei Lauro, fazendo-o se entrosar com a turma e inclusive carregando-o no colo porque ele literalmente subia em mim como um macaquinho sobe em árvore e, para não deixá-lo cair, eu o segurava, mas, a essas alturas ele já estava agarrado no meu pescoço, me perguntando porque eu não era a mãe dele. Acredito que foi um misto de afeto, carinho, brincadeira e muito sorriso.

Terminamos o ano felizes, os alunos estavam aptos à terceira série e com cinco reprovados de uma classe de 25, pois, as classes foram desmembradas formando uma 4ª sala (eu tinha 29 alunos). Muitos pais me agradeceram, recebi muitos presentes muitos parabéns e muitos beijos e abraços das crianças e muitos dizeres carinhosos inclusive que iriam sentir muitas saudades. E eu tenho certeza que sentem e que vão levar muita reflexão para suas vidas, sempre lembrando de mim com minhas reflexões sobre filosofias orientais, já que, a aproximadamente 8 anos estudo sobre essas filosofias juntamente com um grupo de estudos filosóficos e científicos intitulado Terapia Prânica. Muitas lendas, contos, histórias sobre o Oriente que as crianças adoram.

Ano de 2006, na expectativa novamente para saber em qual escola eu iria estar e qual sala iria pegar. Fui à atribuição e consegui uma 1ª série na mesma escola. Como gosto muito de trabalhar com alfabetização, por ver a criança apropriando-se da base alfabética aos poucos, ver o processo, fiquei muito feliz por poder trabalhar juntamente com minha amiga.

Já na primeira semana vem a bomba: eu tinha 2 alunos hiperativos na minha classe, sendo um, no grau mais avançado, tomando ritalina com duração de 4 horas e já não surtia

mais efeito, seria necessário trocar por um outro que durasse 8 horas e foi o que aconteceu, mas, mesmo esse não adiantou e ele continuou machucando os amigos.

Nesse ano, quem entra em minha sala vai pensar que pode ser classe de loucos, ou coisa parecida. Já tentei usar a pedagogia do afeto, piorou, eles começaram a fazer o que queriam, fizemos contratos, não adiantou, modifiquei minha aula com músicas brincadeiras, virou uma desordem, meu último recurso foi bronca e um pouco de Durkheim (organização, ordem), porque o restante eu já havia tentando.

Os outros alunos também tem histórico de problemas na família: mãe e pai drogados e internados, mãe prostituta que levava a filha (aluna) para se prostituir com ela, filho que presenciava a mãe fazendo programas dentro de casa e usando drogas com o parceiro, crianças que estão assistindo filme pornográfico e fazendo com coleguinha da rua ( que aliás veio a ser meu aluno, colega de classe dela) o que via nos filmes. Essa é minha classe atual.

Sinceramente, diante de tanta desgraça desse tipo esse ano, pensei em largar tudo, só não deixo porque adquiri um veículo, porque, revendo minha história: filha sem pai, criada por avós, sem muitas condições financeiras, eu não fui problemática assim. As crianças que estão vindo para as escolas estão totalmente sem limites, eles querem fazer o que dá na cabeça, além de machucar outros colegas que procuram aprender (são poucos, mas, tem), não consigo ‘andar’ com o conteúdo.

Sem contar que as crianças estão indo para casa machucadas, pois, são agredidas pelo aluno hiperativo, ele é dissimulado, esperto, sagaz, perspicaz, manipulador, grita, diz palavras horríveis para mim, para a direção e para a mãe, já bateu na vice diretora, na mãe (na frente de todo mundo) e na monitora que ficou com ele um dia, pois, ele ainda não tem uma, aliás, dizem que ele não tem deficiência para ter monitora (inclusive o Lauro perdeu a sua). Ele ainda não bateu em mim, porque falo firme com ele quando tentei usar carinho, afeto nesse dia ele subiu na grade da janela, ficando dependurado gritando como o Tarzan e depois andou por cima de todas as carteiras da classe. Sem dizer que, não contente prensou o dedo do seu melhor amigo na porta, arrancando-lhe a unha dos dedos anular e maior da mão esquerda, fora as cabeças furadas, cabelos arrancados, tapas, socos, pontapés, atividades picadas carteiras e cadeiras jogadas no chão.

Com todo esse quadro problemático, nesse último semestre sou obrigada a ouvir na disciplina Educação Especial sobre inclusão (aliás sou contra determinadas inclusões), sou obrigada a ouvir que o professor tem obrigação de tirar a fralda de um aluno deficiente, cadeirante, que somos pagas para isso e muito bem pagas, segundo uma palestrante chamada Cláudia (03/04/2006), não precisamos ganhar mais porque se ganharmos, faremos a mesma coisa. Isso não passa de um discurso neo-liberal onde a utopia reina em seu cérebro. Aliás, tudo o que nos foi passado em Pedagogia da Educação Infantil e agora nessa disciplina (que aliás é a mesma professora) é utópico, pois, não adianta passar vídeos de creches da Itália, porque não é a realidade do Brasil e não adianta falar em inclusão nas escolas brasileiras, pois o discurso é lindo, e, além do mais, segundo a Prof<sup>a</sup> Ângela Guiraldelli (atualmente leciona currículo para nós), como sempre, foi ‘vendido’ para o Brasil um modelo que não deu certo no exterior sobre inclusão. O aluno incluso deve ficar 2 horas em sala de aula e o restante do tempo fora da sala de aula com monitora, auxiliando-o, isso é o que ocorre em países de primeiro mundo, e, no Brasil, somos obrigados a sofrer e ainda pedir mais, segundo a palestrante Cláudia e a professora da disciplina Educação Especial, que, fica penalizada com qualquer criança e põe a culpa toda no professor. Acho que ela nunca foi professora, não é? E deve estar sendo muito bem paga, para realizar esse discurso maravilhoso nos palcos da Unicamp.

## 6. AS DISCIPLINAS RELEVANTES DO CURSO

Pelo motivo de trabalhar com crianças das séries iniciais no processo de alfabetização, algumas disciplinas foram mais relevantes que outras, por tê-las utilizadas com maior frequência em minha prática. Outro motivo da relevância de algumas disciplinas em detrimento de outras, se dá por eu ter utilizado muitos de seus ensinamentos, já que iniciei como professora em março de 2003 e em agosto do mesmo ano ingressei no curso Pedagogia/ PROESF / UNICAMP.

As disciplinas relevantes foram: Teoria Pedagógica e Produção em Língua Portuguesa, Teoria Pedagógica e Produção em Matemática, Teoria Pedagógica e Produção em História, Teoria Pedagógica e Produção em Arte, Teoria Pedagógica e Produção em Ciências e Meio Ambiente, Teoria Pedagógica e Produção em Geografia, Educação da Criança de 0 a 6 anos, Teoria Pedagógica e Produção em Saúde e Sexualidade e Teoria Pedagógica e Produção em Educação Física.

Através das aulas Teoria Pedagógica e Produção em Saúde e Sexualidade do PROESF-UNICAMP, refleti sobre esse aspecto, pois, nessa fase da infância (alunos de 2ª série), devido a influência da mídia, o despertar da sexualidade ocorre de forma precoce.

As agressões entre meninas e meninos (estes com maior frequência), fez-me unir a teoria e prática e buscar meios para melhorar o convívio entre eles, inclusive procurando amenizar e, pretensiosamente, erradicar os palavrões que são constantes.

Com as aulas percebi que não podemos inculcar no outro o que queremos, mas podemos fazê-los refletir se suas atitudes estão corretas ou não. Todo conhecimento que adquirimos na vida só conseguimos assimilar se refletirmos, repensarmos e associarmos aos conhecimentos que já temos em nossa rede de informações, então percebi, que a reflexão por meios concretos seria a forma mais oportuna de aprendizagem/reflexão/ação.

As aulas de educação física da minha turma sempre ocorreram às quartas-feiras, na primeira aula (55 min.) e, como a professora faltou (dia 26/10/2005) eu os levei até o ginásio, onde são realizadas as aulas.

Os alunos de início queriam brincar com bolas, bambolês e cordas, mas falei a todos que a aula seria diferente naquele dia. Coloquei vários colchonetes no chão, duas bolinhas de tênis sobre cada um e, nessas alturas, com todos já muito curiosos, não tinham nem



noção do que seria a aula e, alguns diziam que era aula de dormir, outros diziam que iriam participar de um jogo muito diferente.

Pedi, então aos alunos que ficassem com o amiguinho que mais tinham afinidade, que mais gostavam de ficar perto. Formou-se então o famoso “clube da luluzinha e do bolinha” bem característico dessa fase.

As crianças seguiram o meu comando e ficaram todos esperando para saber o que eu ia dizer. Levei então um CD chamado “O Canto dos Anjos”, um cd com músicas muito calmas. Pedi para que escolhessem um amigo da dupla que ia deitar no colchonete, o outro ia massagear o amigo com as bolinhas nas costas e na parte da frente, sem machucar o colega e sem pressionar a coluna. Fiz a massagem numa colega para demonstração, eles adoraram e começaram a fazer a massagem, inclusive, teve criança que até dormiu.

Quando eles achavam que já haviam caprichado na massagem para o outro, eles pediam para o outro fazer neles, bem caprichado, como retribuição à massagem que receberam e, foi o que fizeram.

Percebi que pouco falavam, e quando o outro dormia, faziam de tudo para não acordarem o outro. Nesse momento, percebi que já haviam “entrado” no espírito da atividade, então, disse que poderiam trocar: as meninas ficariam com meninos e vice-versa.

A princípio ficaram um pouco assustados, mas, no decorrer da atividade, parecia que aqueles olhares com vários pontos de interrogação, entraram na música e, novamente pedi que trocassem de pessoa a deitar no colchonete e, como da primeira vez, em retribuição à massagem, massagearam o coleguinha.

Terminada atividade, pedi para que todos unissem os colchonetes e deitassem um perto do outro para fazermos um relaxamento antes de voltarmos à classe. Fui falando, ao fundo uma música, também tranqüila, alguns dormiram, mas, ao voltar para a classe, percebi muita calma.

Abri então a discussão sobre o que tinha ocorrido, fazendo ligação com algumas verbalizações dentro da sala de aula, tais como: bicha, transar, sapatão, viadinho, biscate e outros da mesma espécie.

Começamos a pensar o que ocorreria se alguém que não soubesse nada do que estava ocorrendo ali entrasse e visse o que estávamos fazendo. Levei-os a refletir sobre o

que pensamos sobre os outros, sendo que, na maioria das vezes nós é que falamos e enxergamos o que queremos, e não o que é real.

Refletimos sobre a questão das meninas fazerem massagem nas outras e meninos fazerem massagem nos meninos e depois a troca menino-menina. Perguntei se elas se transformaram em sapatão e os meninos em bicha e, se depois da troca eles transaram (menino-menina), houve silêncio, e, começaram a perceber que nem tudo o que temos na mente, acontece na realidade e que, um menino pegar na mão/ corpo do outro de forma carinhosa não significa que deixou de ser homem e vice-versa. Assim como nas meninas com meninos, não significa que estão namorando, as afinidades ocorrem.

Falamos um pouco dos homossexuais e heterossexuais, que não é escolha de cada um, não é opção, eles já nascem sentindo vontade de estarem próximos a determinadas pessoas que lhes fazem bem e que, como seres humanos devem ser respeitados.

A discussão se estendeu falando das pessoas que conheciam e que quando as vissem novamente não iriam dar risadas, debochar, chamar de bicha/sapatão como faziam.

Até sexta-feira (dia 28/10/05) a classe estava muito tranqüila e sempre frisando para o colega que é necessário o respeito porque somos seres humanos e lembrando a declaração universal dos direitos humanos e das crianças, àqueles que, por algum motivo ficava mais nervoso na dupla.

O assunto não se esgotou, apenas abriu espaço para mais uma das reflexões feitas em sala de aula, podendo voltar sempre que necessário, não apenas na sala de aula, pois, acredito que cada criança levou esse assunto para ser discutido com os pais. O preconceito é difícil de acabar do dia para a noite, mas se cada um puder pensar mais sobre seus próprios preconceitos, poderemos fazer com que um número menor de pessoas sofra.

Nessa aula consegui unir as disciplinas Teoria Pedagógica e Produção em Saúde e Sexualidade e, Teoria Pedagógica e Produção em Artes, a qual num determinado momento do curso, tive inspiração para compôr uma poesia, bem como no fechamento da disciplina expôr minhas telas.

Na disciplina Criança de 0 a 6 anos percebi o quanto a criança era deixada de lado e, segundo Áries (1981), na velha sociedade tradicional a criança e o adolescente eram mal vistos, a infância era reduzida a seu período mais frágil. Ela mal adquiria algum desembaraço físico, era logo misturada com adultos e partilhava de seus trabalhos e jogos,

ou seja, ela se transformava imediatamente em um homem jovem sem passar pelas etapas da juventude. A transmissão de valores e conhecimentos, a socialização da criança, não eram asseguradas nem controladas pela família, já que a passagem desta pela família e sociedade era muito breve e insignificante. A criança se afastava dos pais e aprendia as coisas que devia saber ajudando os adultos. A paparicação, era reservado à criancinha em seus primeiros anos de vida enquanto era coisinha engraçadinha. As pessoas se divertiam com ela como com um animalzinho e, se acaso morresse, a regra geral era não fazer muito caso, pois uma outra logo a substituiria. Passado esse período a criança vivia em outra casa fora da família, esta não tinha função afetiva, mas sim de sobrevivência. A família medieval tinha por missão a conservação dos bens a prática de um ofício ajuda mútua cotidiana onde mulher e homem não sobreviveriam isolados e nos casos de crise proteção da honra e das vidas. O sentimento entre os cônjuges, entre pais e filhos, não era necessário à existência nem ao equilíbrio da família, se acaso houvesse seria melhor. As trocas afetivas eram realizadas fora da família entre vizinhos, amigos, amos e criados. A partir do fim do século XVII ocorreu mudança considerável, onde, a escola substituiu a aprendizagem como meio de educação (a criança não era mais misturada aos adultos). A criança era “vista” com indiferença não se fazia alusões a esta nem a suas mortes em diários de família.

Percebe-se que isso ocorre nos dias de hoje já que a mídia acaba por transformar as crianças em adultos em miniatura, retirando dela o lúdico o ser criança e que com o advento da sociedade moderna isso não muda e acaba acontecendo a mesma coisa: os pais acabam deixando os filhos sob o cuidado dos outros agentes.

Outro dado interessante foi saber que abandonar um filho, conforme Venâncio (1997), era uma forma de proteger a criança (embora haja questionamentos quanto à falta de amor ou irresponsabilidade das mães). Durante os primeiros anos de vida dos bebês, todo trabalho pesava sobre a mãe, a que não assumisse os filhos quebraria as regras da vida social por comprometer a formação do futuro adulto.

O ato de enjeitar um filho podia representar um verdadeiro gesto de ternura. Isso era percebido entre as escravas que enjeitavam o próprio filho, na esperança de que ele fosse considerado livre. As mulheres pobres deixavam seus filhos na roda e após um certo tempo voltava para buscar, mas, dizendo que queria um enjeitado, dessa forma, usurpando a assistência para pagar-lhes mesadas.

Outra interpretação do abandono seria uma forma primitiva de controle da natalidade, uma maneira de determinar a dimensão ideal da família principalmente nas vilas e cidades, onde o índice de enjeitados era elevado, mas, essa prática não alterava a evolução demográfica do conjunto da sociedade colonial.

A roda dos expostos servia também como cemitério gratuito, as mães deixavam os filhos recém nascidos mortos ou mortos em decorrência de alguma doença ou prestes a morrer. Para ter cuidados, escravas fujonas também colocavam seus filhos lá para serem libertos e não terem o mesmo destino das mães. Percebe-se que isso ocorre, também em nossa atualidade.

Na disciplina Teoria Pedagógica e Produção em Ciências a professora nos trouxe muitas possibilidades de trabalho, assim como na disciplina Teoria Pedagógica e Produção em Matemática com aulas práticas e muitas idéias para o trabalho em sala de aula de aula. As características das tendências reformuladoras das concepções de educação, ambiente e ciência passaram a ser: “flexibilidade curricular, interdisciplinaridade, desenvolvimento de um visão sistêmica de ambiente conscientização da necessidade de preservação da natureza e do uso racional dos recursos naturais formação de uma imagem de ciência como atividade humana historicamente determinada, articulação entre o senso comum e o conhecimento científico, respeito ao conhecimento prévio e às estruturas cognitivas do aluno correlação entre psicogênese e história da ciência incorporação do cotidiano ao processo de ensino-aprendizagem, construção de conhecimento pelo aluno” (pág.220).

Na segunda metade da década de 80 e início dos nos 90, o ambiente, a ciência, a sociedade e respectivas inter-relações passam a constituir o alvo do ensino de ciências no nível fundamental, contribuindo para a formação da cidadania, num momento histórico do país marcado por grandes transformações políticas e busca de maior justiça social. O ensino de ciências apresenta-se como educação ambiental, tratando de temas com relevância cultural, social e científica. O grande desafio passa a ser o de encontrar a maneira de aliar o pensamento teórico à prática docente na linha ação-reflexão-ação.

Quanto à disciplina de Teoria e Produção em História, percebe-se que o ponto de partida da aprendizagem de história é a observação do cotidiano individual e da realidade social do tempo presente, para deles extrair referências e informações e com eles identificar

situações e problemas que requerem reflexão, contextualização e visão histórica (Zamboni, 1998)

O objetivo final é inserir a história no processo educacional, tendo em vista o desenvolvimento intelectual a formação da consciência pessoal, da identidade social e das bases da cidadania. Os primeiros contatos com fontes e documentos, as primeiras descobertas sobre a complexidade teórica e prática do conhecimento histórico são meios para se atingir esse objetivo.

Na condição de disciplina escolar, a história tem como função principal ajudar o aluno a aprofundar o conhecimento sobre a realidade em que vive, a desenvolver sua identidade como pessoa e cidadão e a tornar-se capaz de participar da vida social de forma crítica e construtiva.

Personagens fictícios às vezes funcionam como elemento motivador para o trabalho desenvolvido; fazendo o imaginário interagir com o real estimulam a curiosidade e o interesse das crianças, permitem confrontar diferentes experiências e oferecem uma visão mais dinâmica e instigante de situações e acontecimentos presentes no dia-a-dia que são reveladores de importantes processos históricos.

Conforme Zamboni (1998), no ensino de história, o que está em forma de documento, não é a única verdade, é necessário ter o olhar direcionado ao que está por trás desta. As crianças entre 6 e 8 anos de idade, não conseguem definir, ter a noção do passado linear e quanto mais distante for esse passado menor sua compreensão.

O ensino de história deve situar o aluno no momento histórico que vive, levando-o a perceber o que ocorre em sua volta na família, escola, bairro, cidade, estado, país e mundo, gradativamente. A metodologia adequada é a reflexão a respeito de sua dimensão cotidiana. Segundo Zamboni (1998), é necessário recuperar a história da família seu lugar no meio desta, buscando lembranças passadas, comemorações e tradições culturais. A noção de passado é formado passo-a-passo através de fotografias, objetos familiares e pessoais, cartões postais, prédios. A noção de futuro e presente para a criança são mais próximas dela, já o passado precisa de construção, ou seja, da reconstrução da história do lugar onde ela se situa, assim sendo, sentirá segura para construir sua identidade.

Segundo a mesma autora, o professor deve ter como objeto de investigação o sujeito concreto e não o abstrato (instituições, modo de produção, etc) onde dialoga com outros

campos de conhecimento (literatura, psicologia, antropologia, sociologia, música, demografia, etc).

Em se tratando de documento, este terá a ótica de quem o criou, embutindo nele sua subjetividade, cada qual fará a sua leitura perante uma determinada situação. Os documentos não falam por si cabe a nós analisarmos e fazermos nossa representação do que está escrito. O ideal é trabalhar respeitando as fases da criança, de seu entendimento.

O lugar que ocupamos é dividido com outras pessoas se modifica e pode vir a ser ocupado por outros, o homem bio-psico-social está em constante mudança que é expressa nele próprio e nas transformações que ele faz em seu meio, no espaço em que ele ocupa. Para Zamboni (1998), não há espaço único, uniforme e igual para todos, para a autora, o espaço social tem início na organização do espaço econômico: o homem cria o espaço agrícola, industrial e urbano, e desse tipo de economia surge a organização social.

O ensino e aprendizagem em história passa por três campos: fato histórico, sujeito histórico e tempo histórico; não há conteúdo em história que não passe por isso para se desenvolver um conhecimento nessa área. Os fatos históricos são eventos políticos, festas cívicas, ações de heróis nacionais, ações humanas significativas; o sujeito histórico são personagens que desempenham ações individuais/ heróicas e também agentes de ação social e, por fim tempo histórico é o tempo cronológico (calendários e datas), idéia de uniformidade, regularidade. Neles as vivências pessoais possuem tempo biológico (crescimento / envelhecimento) e tempo psicológico interno de cada indivíduo.

Quanto à questão da representação histórica, cada qual terá um olhar, fará um recorte do fato. Toma-se como base a fotografia o desenho, que é visto com ambigüidade por pessoas diferentes. No que diz respeito ao ensino, fazemos um recorte do real e representamos para nosso aluno o que queremos, imaginamos o imaginário, tendo como exemplo o descobrimento do Brasil.

Na fotografia (documento direcionado), há manipulação do fotógrafo e do fotografado e cada indivíduo que olhar terá uma determinada representação. A escrita também é um tipo de representação histórica, a constituição é um documento único com diversas leis assim como a carta de Pero Vaz Caminha. Já a Bíblia (reunião de documentos históricos), o Alcorão e o Cristo Redentor são monumentos. Segundo Lê Goff (1994), os monumentos são heranças do passado enquanto que documentos são da escolha do

historiador, que, faz um recorte da realidade através de sua visão no momento. O monumento visa perpetuar voluntária ou involuntariamente as sociedades históricas (legado à memória coletiva). O documento tem significado de prova, de papel justificado, que parece apresentar-se por si mesmo como prova histórica. Segundo o mesmo autor, o documento era visto como verdade absoluta, a partir do final do século XVII, iniciou-se críticas sobre sua veracidade. Percebe-se, pois, que também num documento e num monumento colocamos representações pessoais, nosso olhar. No início do século XIX, o conjunto de documentos se transformam em monumento.

Para surgir um documento é necessário um fato histórico, que chega como lenda, fábula, etc. Quando não há registro desses contos e sim apenas a oralidade, isso não é documento e passa de geração a geração se tornando folclore; para um historiador é necessário se ter um documento. Como exemplo temos o povo indígena, o japonês, incas, maias e astecas que constroem sua história baseada em suas oralidade, embora nesta haja falhas por se perder (esquecimento) no tempo.

Atualmente os documentos são problemas devido o grande índice de falsificação e adulteração. Fato, sujeito e tempo históricos são importantes para se ter um documento, este se faz com figuras humanas, estando alicerçado nas pessoas, desenvolvemos fatos históricos que geram documentos históricos. Poucas pessoas têm acesso à um documento, mas o monumento possui um acesso maior devido a localização que ocupa (por exemplo no centro de uma praça pública). O documento é algo questionável já que expressa poder, o papel do historiador, então, é partir da idéia de mentira para conhecer buscar a fundo a verdade.

Acreditava-se anteriormente que, o escrito era a verdade absoluta, que não havia intervenção do narrador, a partir de textos escritos busca-se explicar o passado, tendo como influência a cultura na interpretação dos fatos. A história é diferente de simples registros, muitos fatos são esquecidos e apagados intencionalmente.

Segundo Jenkins (2001), a história nunca se basta, ela sempre se destina a alguém, é um constructo ideológico e significa que está sendo constantemente retrabalhada, e, também, é a maneira pela qual as pessoas criam, em parte, suas identidades. Estudar história, então, refere-se a como ler e entender o passado, sendo necessário usar discursos que tenham preocupação com a leitura e a elaboração de significados.

Em se tratando da disciplina Teoria e Produção em Matemática, tive muitas idéias com relação a minha prática, utilizando material dourado, fazer salada de frutas com alunos, mas levando várias verduras para depois realizarmos a degustação das mesmas em forma de salada. Dessa forma trabalhando com cores (nuanças), gostos cheiros, tive muitas idéias a partir da leitura dos textos e das aulas práticas.

Na disciplina Teoria e Produção em Geografia, foi válido o estudo com mapas e maquetes, medição da sala, dos alunos, comparações, temas como lugar, raciocínio por escala, mapa, as diversas identidades sociais. Esses temas foram geradores de muitas atividades realizadas por mim em minhas aulas com meus alunos, levando-os a refletir sobre como um mapa é feito, a diminuição e o aumento do mesmo. Ao trabalhar Geografia com eles pude perceber ao final do ano que a noção de lugar, proximidade, distância ficou mais claro para eles, já que faziam comparações através do próprio corpo (medindo com passos ou palmos) ou com barbantes, da mesma maneira que usamos para medir a sala e cada aluno.

Em Teoria e Produção em Língua Portuguesa, tive exemplos de muitas atividades as quais realizei em sala fazendo o aluno “saltar” da fase pré-silábica para silábica sem valor, deste para silábica com valor, conseqüentemente para silábica alfabética culminando em alfabética. Na concepção construtivista não fazemos o aluno memorizar apenas o ba – be – bi – bo – bu, mas a reconhecer as palavras pelos sons e assim ele vai construindo seu processo de escrita da melhor maneira que encontra no determinado momento.

Em Teoria e Produção em Educação Física, também tive muitos insights, já que trabalhar com ginástica geral com as crianças além de ser bom para o físico, faz muito bem para a mente, criatividade, motricidade, aguça o lado artístico de cada um, enfim é um tema gerador de diversas atividades, as quais trabalho com meus alunos. Um exemplo é pedir para os alunos trazerem diversos cds e por votação da classe escolher um e, em cima da música escolhida trabalhar com movimentos escolhidos por eles. Para essa atividade as crianças podem escolher materiais diversos que serão da escolha de cada um, e então vão compor movimentos que se encaixem no ritmo da música. É um trabalho rico e as crianças adoram até os mais tímidos acabam “soltando-se”.



## CONCLUSÃO

Após o magistério, analisando todo o meu processo de alfabetização (e relembando também!), consigo perceber as heroínas, rainhas, que possuo em minha vida, que me ensinaram a ler, escrever, contar, desenhar, a ser o que sou hoje, a buscar conhecimento a qualquer custo e sentir “fome” e “sede” de ler, de buscar, saber, pesquisar. Acredito que não é por acaso que gosto tanto de ler e de comprar livros. Acredito, também, que esse foi um dos motivos de ter me tornado professora: ter constante estudo para transmitir o conhecimento.

Através do PROESF (que confunde-se com o início da minha prática no magistério) pude aprender teoria e prática no exercício da minha função mas sempre repensando-a através da teoria discutida no curso de Pedagogia. Quando adquirimos conhecimento, nos confrontamos com questões doloridas, manipulações, políticas, jogos de interesse que o sistema neoliberal teima em acentuar. Sem falar dos cargos de confiança nas funções de diretores, coordenadores e supervisores de ensino nos municípios, a que temos acesso.

Depois de tanto estudar e refletir não estou contente com minha profissão pelo baixo salário, muita questão burocrática (preencher papéis), cobrança da sociedade que acredita que o professor é o sabe tudo, muitas questões para administrar em sala de aula: ser psicólogo, fonoaudiólogo, mãe, pai, médico, enfermeiro, psicopedagogo, etc, e no final o que nos resta são contas a pagar (nossa vida particular) e muito papel para preencher.

Aprendi muito no PROESF e através de muita reflexão não quero mais ser professora, pelo menos até o momento, ou, até que alguém me prove o contrário, que ser professora no Brasil está “valendo a pena”.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFIAS

- ABREU, Casimiro de. Meus oito anos. In: **Poesias completas**. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 1961, p. 63-65.
- ALVES, Nilda. Nossas lembranças da escola tecidas em imagens. In: CIA V ATTA, M. e ALVES, N. (orgs.). **A leitura de imagens na pesquisa social: História, Comunicação e Educação**. São Paulo: Cortez, 2004, p. 127-136.
- AMARAL, I. A. **Currículo de Ciências: das Tendências clássicas aos movimentos atuais de renovação**. In: BARRETO, E.S.S. (org.). Os currículos do ensino fundamental para as escolas brasileiras, Campinas-SP: Autores Associados, 1998 pág. 200-232
- AMARAL, I. A. **Educação Ambiental e Ensino de Ciências: uma história de controvérsias**. In: Pro-posições. Campinas-SP: FE/UNICAMP, vol. 12, nº 1 (34) março 2001. pp 73-95.
- AMARAL, I. A. **Conhecimento Formal, Experimentação e estudo ambiental**. In: Ciência e ensino nº 3 dezembro 1997. pp 10-15.
- AMORIM, A. C. R. (org.) ATAS- I **Encontro de Formação Continuada de Professores de Ciências** In. Revista Pro-Posições. Campinas-SP: Fac. de Educação-UNICAMP, vol. 12, nº 1 (34). Pp 13-52
- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Drummond: frente e verso**. Rio de Janeiro: Alumbamento, 1989.
- ANDRADE, Oswald de. Meus oito anos. In: **Poesias reunidas**. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974, p. 162-163.
- ARIÈS, P. Prefácio. In ARIÈS, P. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981. p. 9-27
- AS DIVERSAS IDENTIDADES SOCIAIS**. Xerox de apostila entregue na disciplina Teoria Pedagógica e Produção em Geografia profª Elaine
- BACH, Richard. **Ilusões. As aventuras de um Messias indeciso**. 18ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1993
- BAKTIN, (citado pela professora Ivanda durante a aula)
- BARBOSA, Maria C. S. **Fragmentos sobre a Rotinização da Infância** in: Educação e Realidade, jan/jun.2000, 25 (1):93-113

- BENJAMIN, Walter. Omelete de Amoras. In **Documentos de cultura, documentos de barbárie**. São Paulo: Cultrix, 1986., p. 186.
- BOSI, Ecléa. Lembranças de D. Brites. In: **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1983, p. 232-293.
- CAMARGO, Ana Maria Coccioli e RIBEIRO, Cláudia. **Sexualidade e Infância**, Ed: Moderna, 1999
- COSTA, Gal. **Teco teco**. [Compositores]. In: Gal Costa: acústico MTV. São Paulo: BMG, 1997. 1 CD. Faixa 8, 2min46s.
- COSTA, J. F. **Homoerotismo: a palavra e a coisa**. In: A ética e o espelho da cultura, 1992
- FISCHMAN, Gustavo. Reflexões sobre imagens, cultura visual e pesquisa educacional. In: CIA V ATTA, M. e ALVES, N. (orgs.). **A leitura de imagens na pesquisa social: História, Comunicação e Educação**. São Paulo: Cortez, 2004, p. 109-125.
- JENKINS, Keith. **A história repensada**. São Paulo: contexto, 2001.
- KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. São Paulo: Ática, 1989.
- LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1998.
- LARROSA, J. **Pedagogia Profana**. Ed: autêntica, 2003, 4ª ed.
- LE GOFF, Jacques. **Documento/Monumento** in História e Memória. 3ª ed. Campinas, SP:Editora da UNICAMP, 1994.
- LEITE, Sérgio A. da S. (org). **Alfabetização e Letramento: Contribuições para as práticas pedagógicas**. 2ª ed. Campinas, SP: Komedi, 2003
- LEVI, Giovanni e SCHMITT, Jean-Claude. Introdução. In: **História dos Jovens: da Antiguidade à Era Moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 7-17.
- LUGAR**. Xerox de apostila entregue na disciplina Teoria Pedagógica e Produção em Geografia profª Elaine
- MAPA**. Xerox de apostila entregue na disciplina Teoria Pedagógica e Produção em Geografia profª Elaine
- MASAGÃO, Marcelo. **Nós que aqui estamos por vós esperamos**. Direção: Marcelo Masagão. 1999. Brasil. Ag. Observatório, Distribuição Rio Filmes. 73 min.
- PIAGET, Jean. **Sobre a pedagogia**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

**RACIOCÍNIO POR ESCALA.** Xerox de apostila entregue na disciplina Teoria Pedagógica e Produção em Geografia profª Elaine

SANTOS, Lulu. **Minha vida.** In: 1991. São Paulo: Som Livre, faixa 8.

VENÂNCIO, R.P. **Maternidade Negada.** In: DEL PRIORE, M. (org) História das Mulheres no Brasil. São Paulo: Editora Contexto e Fundação Ed. Unesp, 1997. p. 189-222

ZAMBONI, Ernesta. **O ensino da história e a construção da identidade.** (xerox)

ZAMBONI, Ernesta. **Representações e Linguagens no Ensino de História** in Revista Brasileira de História, v. 18, p.89-101, 1998.

ZAMBONI, Ernesta. **Desenvolvimento das noções de espaço e tempo na criança.** (xerox)

# ANEXOS

## ANEXO 1: Disciplinas do Curso de Pedagogia

|        |                                                          |
|--------|----------------------------------------------------------|
| PE 100 | Atividades Culturais I                                   |
| PE 101 | Educação e Tecnologia                                    |
| PE 102 | Pensamento Histórico e Educação                          |
| PE 103 | Teoria Pedagógica e Produção em Língua Portuguesa        |
| PE 104 | Multiculturalismo e Diversidade Cultural                 |
| PE 105 | Estágio Supervisionado I                                 |
| PE 200 | Atividades Culturais II                                  |
| PE 201 | Pensamento Filosófico e Educação                         |
| PE 202 | Pensamento Sociológico e Educação                        |
| PE 203 | Teoria Pedagógica e Produção em Matemática               |
| PE 204 | Pesquisa Educacional                                     |
| PE 205 | Estágio Supervisionado II                                |
| PE 206 | Prática Curricular I                                     |
| PE 300 | Atividades Culturais III                                 |
| PE 301 | Pensamento Psicológico e Educação                        |
| PE 302 | Teoria Pedagógica e Produção em História                 |
| PE 303 | Teoria Pedagógica e Produção em Arte                     |
| PE 304 | Avaliação                                                |
| PE 305 | Estágio Supervisionado III                               |
| PE 306 | Prática Curricular II                                    |
| PE 400 | Atividades Culturais IV                                  |
| PE 401 | Política Educacional e Reformas Educativas               |
| PE 402 | Teoria Pedagógica e Produção em Ciências e Meio Ambiente |
| PE 403 | Teoria Pedagógica e Produção em Geografia                |
| PE 404 | Educação da Criança de 0 a 6 anos                        |
| PE 405 | Estágio Supervisionado IV                                |
| PE 406 | Prática Curricular III                                   |
| PE 500 | Atividades Culturais V                                   |
| PE 501 | Planejamento e Gestão Escolar                            |
| PE 502 | Teoria Pedagógica e Produção em Saúde e Sexualidade      |
| PE 503 | Pedagogia da Educação Infantil                           |
| PE 504 | Temas Transversais                                       |
| PE 505 | Estágio Supervisionado V                                 |
| PE 506 | Prática Curricular IV                                    |
| PE 600 | Atividades Culturais VI                                  |
| PE 601 | Currículo e Escola                                       |
| PE 602 | Teoria Pedagógica e Produção em Educação Física          |
| PE 603 | Educação Especial                                        |
| PE 604 | Educação Não Formal                                      |
| PE 605 | Estágio Supervisionado VI                                |
| PE 606 | Prática Curricular V                                     |
| PE 700 | Memorial de Formação I                                   |
| PE 701 | Memorial de Formação II                                  |

## **1. INTRODUÇÃO**

O presente relatório tem como objetivo descrever as atividades desenvolvidas no projeto “Representações da Infância e da Juventude na Cultura Escolar” durante o período de julho de 2005 a junho de 2006.

Sabemos o quanto é difícil estar numa sala de aula atualmente, já que diversas mudanças ocorreram e com estas mudanças familiares, culturais, midiáticas decorrentes de um mundo globalizado, acabamos agindo por impulso, e porque não dizer instintivamente. A presente pesquisa contribuiu muito com minha prática, pois, fez-me refletir sobre esta e achar soluções para muitas questões que sozinha, acredito, não conseguiria ver uma saída.

Tomando por base os textos lidos, percebe-se a riqueza de conteúdo. O encontro com os pesquisadores gerou muitos frutos, muitas reflexões e ações. Os momentos em que paramos para pensar sobre nós, não foi apenas em nosso trabalho, mas, sobre nossa vida e o que essa reflete sobre a nossa prática, em que essa bagagem histórico-cultural reflete quando nos deparamos com questões como preconceito, idéias preconcebidas e cristalizadas, que trazemos conosco e nem sabemos porque, em determinadas situações, fazemos coisas sem pensar.

A presente pesquisa nos fez refletir sobre nossos familiares, infância e o percurso que levou para nos tornarmos o que hoje somos e também a perceber determinadas ações que acreditávamos serem normais.

## **2. DESENVOLVIMENTO**

### **1.1 ANO DE 2005**

A princípio ocorreu a apresentação dos professores da E.M.E.F. Profª “Eliete Aparecida Sanfins Fusussi” aos membros da Universidade São Francisco (coordenadora Profª Adair M. Nacarato e professores Carlos Pizzolatto, Maria Ângela B. Salvadori, Regina Célia Grando e Denise Palmiere). Houve a discussão sobre o tema, o porquê da escolha do título, bem como nossas expectativas. Foi lido o poema “Meus oito anos” de Casimiro de Abreu, “Paródia dos meus oito anos” de Oswald de Andrade e “Infância” de Carlos Drummond de Andrade. Foi socializado e falamos um pouco do que sentimos.

Nos encontros seguintes ocorreu a apresentação do projeto (objetivos, metodologias, plano de trabalho e resultados previstos), ouvimos a música “Teco-Teco” (Gal Costa) e “Minha Vida” (Lulu Santos). Falamos um pouco da nossa infância, das brincadeiras, nossas lembranças e sentimentos e discutimos o texto da Dona Brites – relato da professora aposentada, fazendo uma reflexão sobre nossa vida através dessa leitura. Apresentamos as fotos/ objetos (símbolos) e falamos sobre eles: sobre lembranças, sentimentos e sensações que nos causava e havia causado momentos importantes da nossa vida quando criança, em família, escola adolescência. Conversamos sobre acontecimentos e lembranças da nossa vida escolar e discutimos o texto “Adeus ao Colégio Boitempo” de Carlos Drummond de Andrade (relato autobiográfico), quando pudemos lembrar de muitos episódios da nossa época de escola (ensino fundamental e médio) fazendo relações com o texto. Ouvimos também a música “Estudo Errado” de Gabriel, o Pensador. O texto “História dos Jovens: da Antiguidade à era Moderna” (Introdução) foi discutido entrelaçando suas idéias com os textos já relatados. Lemos, também e discutimos trechos de relatos de Drummond, Viriato Corrêa, José Lins do Rego e Cora Coralina (recordações da vida escolar). Finalizamos a discussão relacionando os vários excertos analisados.

Selecionamos um filme que estivesse relacionado com o tema escolar e cada grupo, assistiu previamente e socializou trechos discutindo com o grupo maior e pudemos expor idéias sobre as imagens de professor/aluno e a relação entre os filmes e textos já lidos.



Assistimos também o documentário “Nós que aqui estamos por vós esperamos”, que trazia fatos históricos importantes, pessoas que se destacaram ao longo da história da humanidade.

Retomamos o documentário, os textos lidos foram “A leitura de Imagens na Pesquisa Social” de Gustavo Fischman e Nilda Alves e “Fotografia e História” de Boris Kossoy, através dos quais pudemos relacionar com as imagens vistas. Ao final do encontro nos organizamos em duplas para o planejamento das atividades de produção de imagens sobre a cultura escolar da nossa escola. Cada dupla apresentou as fotos selecionadas juntamente com o relato sobre os motivos da escolha. Após, esboçamos um projeto transversal de intervenção (anexo) que desenvolveríamos com os alunos nas próximas aulas.

No encontro seguinte, com o auxílio das professoras Adair e Denise, elaboramos a versão final do nosso projeto de intervenção, discutimos e trocamos idéias para o desenvolvimento deste.

Os próximos dois encontros foram especialmente para as atividades do projeto de intervenção, no qual trabalhamos com nossos alunos em sala de aula. Esses encontros serviram para auxiliar nossas ações futuras referentes às atividades desenvolvidas.

No último encontro, apresentamos e discutimos o produto final do projeto realizado com os alunos da E.M.E.F. Profª “Eliete Aparecida Sanfins Fusussi”, o livrinho de memórias “Minha Infância”, contendo fotos e relatos das crianças envolvidas com o projeto.

Essas atividades foram divididas em quatro sub temas: Memórias de nossa infância; memória escolar; imagens da nossa escola e projeto “Minha Infância” desenvolvido com as crianças.

O início do projeto “Representações da Infância e da Juventude na Cultura Escolar” para nós foi um tanto confuso, gerando uma expectativa muito grande. Vários pontos de interrogação passaram por nossas mentes: O que seriam representações de infância? E de juventude? Como seriam coletados os dados? Qual seria nosso papel? As crianças participariam ativamente? Ou seriam nossas representações?

Os professores envolvidos, Carlos, Adair e Denise, trouxeram para nós textos relacionados ao assunto, bem como um maior esclarecimento sobre o assunto.

Os textos “Meus oito anos” de Casimiro de Abreu (original), de Oswald de Andrade (paródia), “Infância” de Carlos Drummond de Andrade e “D. Brites – relato de uma professora aposentada”, fizeram com que, assim como eles, repensássemos nossa infância. Percebemos que cada autor lembra da infância de uma determinada maneira, através dos fatos, pessoas, objetos, cheiros, gostos e imagens relevantes ou não de acordo com a personalidade de cada um. Cada ser humano dá um significado à mesma situação e, assim, como eles, representamos nossa infância. Tivemos a oportunidade de escrever sobre nossas memórias da maneira que nos sentíssemos melhor (dissertação, poesia, verso, prosa, crônica, etc) e, percebemos como foi significativo para nós, já que através dos textos pudemos pensar em aspectos antes não pensados ou “esquecidos”. Com as lembranças pudemos resgatar as fotos e socializar com o grupo, explicando o significado de cada uma. Foi uma atividade: rica, interessante, significativa e com muitos sentimentos.

No sub tema “Memórias da vida escola”, introduzida pelo texto “Adeus ao Colégio Boitempo”, um relato autobiográfico de Carlos Drummond de Andrade, houve espanto de nossa parte, já que não pensávamos que um consagrado escritor poderia ter tido um comportamento bastante hostil com relação à sua vida escolar.

Com a música “Estudo Errado” pudemos refletir o quanto a instituição escola inculca no aluno reproduzindo a ideologia vigente e um sistema neo-liberal. Muitas vezes não importa o que o aluno aprendeu, mas o quanto de conteúdo ele memorizou e com isso, sua nota. Pudemos pensar nas escolas por onde passamos e o que cada uma “deixou” em nós de lembranças, sentimentos e sensações.

O texto “História dos jovens: da antiguidade à era moderna” nos revelou como viviam os jovens em diferentes lugares e épocas da história do mundo. Pudemos conhecer mais o jovem em diversas culturas e épocas relacionando com o jovem atual.

Quanto a seleção dos filmes em que deveríamos escolher situações entre professor/aluno, dividimo-nos em duplas e escolhemos “O clube do Imperador”, as imagens que selecionamos foram as que demonstravam poder do sistema dentro da escola e, pudemos socializar com o grupo. Tratava-se de uma escola tradicional e um professor rígido e exigente que sofreu algumas experiências frustrantes com a entrada de um aluno extremamente rebelde e excêntrico no colégio. Pôde ser observado, criticamente,

determinados comportamentos comuns em alguns professores e gestores que antes não nos chamavam a atenção.

Em “Sociedade dos Poetas Mortos”, filme selecionado por uma colega do grupo, as imagens eram muito significativas e, ao assistir quando ocupávamos lugar de alunos, focávamos mais nessa questão e atualmente, discutíamos sobre o papel do professor, já que ocupamos essa posição. A discussão girou em torno das imagens e dos seus detalhes, onde pudemos, refletir e socializar muitas situações que vivemos em sala de aula.

O resgate dos fatos históricos de “Nós que aqui estamos por vós esperamos” foi muito interessante, já que representava a história de uma humanidade em diversas épocas, culturas, ópticas. Analisamos, também a seleção das fotos e o porquê, valorizando alguns aspectos em detrimento de outros. E com esse documentário iniciamos o terceiro sub tema: imagens da nossa escola.

Através das imagens, observamos fatos históricos culturais importantes: Beatles, a chegada do homem à lua, invenções que marcaram época e demais registros feitos pelo autor que permanecem até os dias atuais. Algumas pessoas destacaram-se por suas ações, boas ou más: Garrincha no esporte, Fred Astaire na dança, John Lenon na música, Picasso nas artes plásticas. Também Hitler, Mussolini, Pol Pot, Pinochet e Mao Tse Tung.

Discutimos o documentário, admiradas com o autor, que, conseguiu reunir em 73 minutos, a história de uma humanidade apenas com imagens.

Ao ingressarmos nos estudos dos textos “A leitura de imagens na pesquisa social” e “Fotografia & História”, pudemos relacionar com todas as imagens que já havíamos visto até o momento, inclusive a seleção dos filmes e documentário. Para Kossoy, a fotografia é vista como “filtro cultural”, ou seja, selecionou-se apenas fragmentos da realidade sob a óptica do registrador.

Posteriormente, produzimos nossas próprias imagens sobre a cultura da nossa escola. Em duplas selecionamos fragmentos do cotidiano escolar para ficarem registrados: momentos de sala de aula, de leitura, de aula de educação física, do recreio, da entrada e da saída.

Na semana posterior à acima citada, cada um expôs as fotos para o grupo explicando o motivo da escolha. Através do filtro cultural de cada professora, percebemos a riqueza das representações de infância e juventude que cada uma tinha e, dessa forma

escolheu para registrar. Dentre as fotos, foram escolhidas apenas algumas para compor o painel comemorativo do aniversário de dois anos da escola, na semana Escola Aberta, onde esta fica aberta para visitação e onde são expostos trabalhos desenvolvidos pelos alunos até o determinado momento.

O último sub tema desenvolveu-se com a elaboração do projeto de intervenção, no qual os alunos puderam colaborar com a pesquisa. Nosso grupo da manhã elaborou um projeto transversal, onde, pode-se trabalhar, diferentes linguagens: escrita, oral, gráfica, matemática e principalmente a pictórica.

Resgatamos a identidade da criança, local, mês e ano de nascimento, a família e fatores peculiares a cada um. Elaboramos gráficos para expor dados como: data de nascimento, ano, mês, local e discutimos os resultados.

As fotos foram solicitadas e cada aluno trouxe a sua para socializarem com a classe. Alguns alunos trouxeram fotos de bebê até a idade atual, outros não tinham nem fotos de quando eram bebês. Foi pedido para que registrassem nos livros sobre eles pessoas da família, acontecimentos importantes que tivessem sido lembrado pelos pais e também por eles. Falou-se sobre a infância e juventude e seus significados (já que alguns possuem irmãos já adultos ou na fase da adolescência). Conversou-se sobre brinquedos e brincadeiras preferidas, amizades e aspectos marcantes dessa fase.

Posteriormente, para encerrar o projeto, pedimos aos alunos para que elaborassem uma carta apresentando as atividades realizadas aos professores da USF, explorando assim, outro gênero de produção escrita.

As atividades desenvolvidas se transformaram no livro “Minha Infância” e ao final do período letivo todos levaram para casa como recordação.

Nos últimos encontros do ano letivo, apresentamos o produto final aos professores da USF e recebemos orientações para a elaboração do relatório de pesquisa que seria entregue à equipe responsável.

## 1.2 ANO DE 2006

Na segunda etapa do projeto, ocorreu a apresentação dos membros do grupo: a equipe da Universidade São Francisco Regina Célia Grando e Denise Palmiere, as professoras novas na escola e ingressantes no projeto (Alessandra Luciana e Rejane), as pesquisadoras de Iniciação Científica Valéria e Débora, bem como as professoras pesquisadoras já participantes Janaina e Juliana. Foi conversado também sobre as expectativas e perspectivas das novas professoras a respeito dos alunos da escola Eliete bem como no projeto.

Houve leitura e discussão do projeto de intervenção realizado em 2005 (objetivos, metodologia, plano de trabalho, desenvolvimento, análise dos dados dos alunos coletados a partir do projeto), levantamento dos pontos marcantes e dos aspectos que poderiam ser melhorados. Iniciou-se a discussão sobre o novo projeto de intervenção a ser realizado em 2006. Houve muitos momentos de compartilhar pelas professoras as experiências de sala de aula identificando com os textos e fazendo intersecções possíveis com o Projeto. A professora Regina participou de um HTPC levando novas idéias de como trabalhar a matemática (jogos) em sala de aula, contribuindo com o texto “Matemática e Literatura Infantil: Um estudo sobre a formação do conceito de multiplicação” de Adelmo C. da Silva e Rogéria G. do Rego. Analisamos imagens de quadros sobre brincadeiras infantis e discutimos o papel do brincar na infância e na vida dos alunos da escola Eliete.

Discutimos o texto de Maurice Tardiff “Saberes docentes e formação profissional”, elaboramos e discutimos o projeto de intervenção. Esse texto nos fez perceber o quanto um professor é desvalorizado e considerado um “operário do saber” mas, ao mesmo tempo, como é necessário sua presença e participação ativa na sociedade. Num outro momento organizamos esse projeto e lemos / discutimos o texto “O arco-íris na sala de aula” de Luíza Cortesão, enfocando as diversas possibilidades de trabalho com grupos heterogêneos. Num momento após, discutimos sobre o andamento do projeto de intervenção e recebemos orientações sobre a elaboração do relatório final de atividades.

As professoras Luciana, Rejane e Alessandra trabalharam com o livro “Serafina e a Criança que trabalha” realizando um projeto transversal onde abordaram muitas questões relevantes sobre trabalho infantil e o que isso ocasionava na vida dessas crianças. Foram

detectadas, algumas crianças que se identificaram com o livro, já que trabalham recolhendo recicláveis e pedindo esmolas. Outros ainda (a maioria meninas) identificaram como trabalhadoras do lar em que tinham que olhar o irmão mais novo, o primo e arrumar a casa e fazer todo o serviço, já que a mãe trabalha fora e não há vagas em creche.

Já as professoras Janaina e Juliana trabalharam com o projeto transversal sobre as memórias da infância: do nascimento até os dias atuais. O produto final foi um livro confeccionado juntamente com as professoras, onde os pais participaram relatando a trajetória dos filhos até os dias atuais, suas preferências, qualidades, do que não gostam, enfim das características de cada um. As professoras também realizaram um livro relatando o andamento do projeto, um dossiê.

Foi trabalhado com os livros “Cavalgando o arco-íris” e “Por enquanto sou pequeno” de Pedro Bandeira. As professoras fizeram a leitura dos mesmos e foi escolhido, pela classe, alguns trechos para ilustração. Foi ouvido a canção “João e Maria” de Chico Buarque de Holanda e foram feitas ilustrações das estrofes que os alunos acharam relevantes, bem como a escrita nos cadernos.

As crianças identificaram-se muito com o projeto e trouxeram brinquedos de quando eram bebês, a primeira roupa que usaram, o primeiro sapato, a touca, o vidro de xampu do primeiro banho, enfim se empenharam em resgatar uma parte das suas vidas.

O mês de junho foi reservado para análise do projeto de intervenção e elaboração do relatório individual de atividades.

### **3. CONCLUSÃO**

Através do projeto “Representações de Infância e Juventude na Cultural Escolar”, pudemos resgatar nossas memórias de infância e juventude bem como nossas memórias da época escolar. Percebemos que superou as expectativas do grupo, já que os momentos de reflexão foram marcantes e serviram para repensar sobre muitos aspectos. Resgatamos a infância de nós educadores, recordações dos amigos e familiares e, outros aspectos que estavam adormecidos na nossa memória. O mais interessante e importante foi a ressignificação que cada um deu, a partir das nossas experiências no trabalho dentro da escola.

Sentimos que, ao crescer, esquecemos que já fomos crianças e dessa forma esquecemos o que já sentimos. Com esse projeto compreendemos melhor como a criança e o jovem de hoje interage com sua realidade comparada à de alguns anos atrás.

Os textos estudados, as atividades desenvolvidas, bem como o grupo em que estávamos nos proporcionou, sem dúvida, uma visão mais ampla do que é ser criança e do que é ser jovem, do que é ser aluno da escola Eliete, e, de como ele atribui significações e interações com o mundo em cada fase da sua vida.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Casimiro de. Meus oito anos. In: **Poesias completas**. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 1961, p. 63-65.

ALVES, Nilda. Nossas lembranças da escola tecidas em imagens. In: CIAVATTA, M. e ALVES, N. (orgs.). **A leitura de imagens na pesquisa social: História, Comunicação e Educação**. São Paulo: Cortez, 2004, p. 127-136.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Drummond: frente e verso**. Rio de Janeiro: Alumbramento, 1989.

ANDRADE, Oswald de. Meus oito anos. In: **Poesias reunidas**. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974, p. 162-163.

BANDEIRA, Pedro. **Por enquanto sou pequeno**. São Paulo: Moderna, 1994. Coleção Hora da Fantasia

BANDEIRA, Pedro. **Cavalcando o Arco-Íris**. 22ª ed. São Paulo: Moderna, 1995. Coleção Girassol

BENJAMIN, Walter. Omelete de Amoras. In **Documentos de cultura, documentos de barbárie**. São Paulo: Cultrix, 1986., p. 186.

BOSI, Ecléa. Lembranças de D. Brites. In: **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1983, p. 232-293.

Carlos Drummond de Andrade@Graña Drummond/www.carlos.drummond.com.br, “balada do amor através das idades”, “infância”. Cara Nova Editora Musical Ltda, João e Maria”

CORTESÃO, L. **O arco-íris em sala de aula?** Processos de organização de turmas: reflexões críticas. Portugal: Instituto de inovação educacional, 2001 (Coleção caderno de organização e gestão curricular).

COSTA, Gal. Teco teco. [Compositores]. In: Gal Costa: acústico MTV. São Paulo: BMG, 1997. 1 CD. Faixa 8, 2min46s.

FISCHMAN, Gustavo. Reflexões sobre imagens, cultura visual e pesquisa educacional. In: CIA V ATTA, M. e ALVES, N. (orgs.). **A leitura de imagens na pesquisa social: História, Comunicação e Educação**. São Paulo: Cortez, 2004, p. 109-125.

HOFFMAN, Michael. In “**Clube do Imperador**”. E.U.A., 2002

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. São Paulo: Ática, 1989.



LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1998.

LEVI, Giovanni e SCHMITT, Jean-Claude. Introdução. In: **História dos Jovens: da Antiguidade à Era Moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 7-17.

MASAGÃO, Marcelo. **Nós que aqui estamos por nós esperamos**. Direção: Marcelo Masagão. 1999. Brasil. Ag. Observatório, Distribuição Rio Filmes. 73 min.

SANTOS, Lulu. **Minha vida**. In: 1991. São Paulo: Som Livre, faixa 8.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002, p.31-73.

SILVA, Adelmo C. e RÊGO, Rogéria G. Matemática e Literatura Infantil: um estudo sobre a Formação do Conceito de Multiplicação. In: BRITO, Márcia Regina Ferreira de (org.) **Solução de Problemas e a Matemática Escolar**. Campinas:Alínea, 2006, p.207-235

### Anexo 3: PROJETO “Minhas Memórias”

#### OBJETIVO GERAL DO PROJETO USF:

Identificar as representações da infância e da juventude presentes na cultura escolar

#### OBJETIVO GERAL DO PROJETO “Minhas Memórias”

- Identificar as representações de infância dos alunos das seguintes classes: 1ª A, 1ªC.

#### OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Compreender as representações da infância em cada classe, reconhecendo as semelhanças e diferenças culturais existentes no grupo de convívio escolar.
- Proporcionar aos alunos reflexões acerca das representações sobre infância atribuindo-lhes significados.
- Explorar diferentes linguagens: oral, escrita, gráfica, pictórica.

#### JUSTIFICATIVA PEDAGÓGICA

Tendo em vista a fase da vida da criança (iniciação da vida escolar) procuramos elaborar um projeto que resgate a identidade da criança para que os integrantes do grupo se conheçam melhor, se identifiquem uns com os outros, reconheçam semelhanças e diferenças presentes para posteriormente fortalecer o grupo e explorar melhor as relações humanas.

O foco do trabalho será voltado para a construção da identidade da criança.

#### JUSTIFICATIVA DO PROJETO

Pretende-se o desvelamento das representações de infância dos nossos alunos e a construção da identidade da criança para reconhecer a diversidade cultural (“arco-íris cultural” SANTOS, 1990) presente na sala de aula e pensar em diferentes estratégias pedagógicas para lidar com essas diferenças. Conhecer a individualidade dos alunos e suas culturas específicas e como eles interagem com as outras culturas, buscando uma forma de “acessar” o interesse de alguns alunos.

#### METODOLOGIA

##### Etapas:

1ª Conversa informal com as crianças sobre o projeto a ser desenvolvido. Construção do livro pelas professoras: narrativa das expectativas do que eles vão achar do projeto. (livro da professora)

2ª Pesquisa de dados (informações) do aluno: local de nascimento, dia, mês, ano, pais biológicos, peso, altura e outras características. (livro do aluno)

Esses dados serão coletados com ajuda dos pais através de questionário, organizados numa tabela e gráficos e socializados com o grupo. (livro da professora)

Análise dos resultados da pesquisa com as crianças e ajuda da professora, organizando tabelas na lousa: local, mês e ano do nascimento. A partir desses dados, serão elaborados cartazes com gráficos e tabela a critério de cada professora.

3ª Produção coletiva de texto, gênero carta, destinado à equipe da USF, descrevendo o perfil de nossa turma.

4ª Brincadeiras: Motivação: gravuras de brincadeiras. Registros pictóricos: pesquisa com os pais, alunos do que brincavam e do que brincam hoje (apresentar brincadeiras de antigamente e brincadeiras atuais). (livro do aluno)

5ª Análise de fotos trazidas pelos alunos em diferentes momentos da vida (nascimento, batismo, com familiares, na pré-escola e/ou outros momentos com familiares e na vida escolas).

Relatos orais sobre os momentos registrados pelas fotografias . (livro do aluno)

6ª Registro de relatos dos adultos com os quais vivem sobre fatos importantes que estavam acontecendo na época do nascimento. (livro do aluno)

7ª Fotos de quando eram mais velhos e repetição da etapa anterior.

8ª Elaboração de texto explicativo junto às fotos.

9ª Trabalho com o livro infantil de Pedro Bandeira “Por enquanto sou pequeno”. “Calvalgando o arco-íris”

10ª Elaboração de ilustrações individuais dos alunos, onde eles manifestarão suas representações da infância, tais como, momentos significativos, anseios e desejos não realizados, preferências gerais.

11ª Elaboração do livro: “Minhas Memórias” com as fotos e registros feitos a partir da pesquisa. No fechamento do livro haverá uma produção de texto da criança sobre a sua infância.

12ª Elaboração de foto, com a turma toda, que irá fazer parte do livro de memórias (livro da professora).

## **ANÁLISE DOS DADOS**

Através de observação constante, verificar-se-á:

- Se o aluno se apropriou da idéia de que cada ser humano é único e tem suas características individuais e que estas provém de heranças de seus familiares;
- Se o aluno reconhece as semelhanças e diferenças entre os integrantes do grupo;
- Analisar quais são as representações próprias de sua infância;
- Se o aluno reconhece a importância de suas representações na construção de sua identidade.

## CRONOGRAMA

|           | 01/04/06 a 30/04/06 | 01/05/06 a 30/05/06 | 01/06/06 a 30/06/06 |
|-----------|---------------------|---------------------|---------------------|
| 1ª Etapa  |                     |                     |                     |
| 2ª Etapa  |                     |                     |                     |
| 3ª Etapa  |                     |                     |                     |
| 4ª Etapa  |                     |                     |                     |
| 5ª Etapa  |                     |                     |                     |
| 6ª Etapa  |                     |                     |                     |
| 7ª Etapa  |                     |                     |                     |
| 8ª Etapa  |                     |                     |                     |
| 9ª Etapa  |                     |                     |                     |
| 10ª Etapa |                     |                     |                     |
| 11ª Etapa |                     |                     |                     |